



BRASIL AGORA



ANO I Nº 15

25 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 1992

R\$ 3.000,00

GREVE DOS
MOTORISTAS

PÁG. 4

ELEIÇÕES

92

PÁGS. 9 A 12

O FILÓSOFO
DO FUTEBOL

PÁG. 20

ASSASSINATO DE ELITE

PÁG. 13



SAQUES

A POROROCA SOCIAL

PÁGINAS 5, 6 E 7

DIÁLOGO

PRIVATIZAÇÕES

O PT precisa definir, e já, uma linha consistente acerca da polêmica privatização *versus* estatização. O que tem sido apresentado nos jornais é um jogo de empurra-empurra entre o governo, querendo privatizar tudo, e o PT, defendendo a estatização sem critérios.

Como não devemos ter medo de denunciar as maracutaias via moedas podres, que estão entregando de mão beijada nossas melhores estatais, também não podemos, por outro lado, sermos ingênuos a ponto de bater o pé contra qualquer privatização.

Não é aconselhável seguir o canto da sereia da onda privatizante, mas o outro lado da moeda é igualmente falso. Felizmente algumas lideranças do PT já começam a se dar conta dessa realidade. É o caso do próprio Lula, que em seu manifesto mais recente já nos alertou: "nem sempre estatal é sinônimo de público".

A verdade é que alguns setores do PT tremem só de imaginar que em algum momento, mesmo que seja raro, possamos estar notando numa mesma proposta do governo Collor. Esquecem que já estivemos no Congresso ao lado desse mesmo governo, quando votamos no mesmo projeto que possibilitou o desmantelamento do cartel do trigo e do cimento.

Por que não aceitar, por exemplo, discutir a privatização da Rede Ferroviária Federal, excluindo a utilização de moedas podres e impondo cláusulas que obriguem os compradores a explorar, além do transporte de carga rentável, o de massa, tão comum nos países desenvolvidos? Esta seria uma maneira inteligente de encostar o governo contra a parede.

**NILTON J. DANTAS
WANDERLEY**
Patos, PB

DONO DE BIRIGÜI

Há dois anos estou morando em Birigüi, minha terra natal. Tudo aqui está por fazer, as cidades vizinhas estão enojadas e discutem um protesto contra o que acontece.

Aqui no bairro uma mulher, funcionária da prefeitura, levou uma surra no dia 2 de abril porque saiu candidata pelo PMDB, e sofreu várias ameaças. Quem deu a surra foram as filhas do prefeito e a esposa do deputado estadual Roque Barbieri (PSD). Enquanto ela saiu para chamar a polícia, outros moradores que assistiram à pancadaria chamaram o Roque, que é o deus da

cidade, e ele sumiu com ela, para não ser denunciado. Fez a mulher assinar uma declaração garantindo que não vai denunciá-lo à polícia, obrigou-a a se filiar ao PSD e ainda fala que, se ela se calar, não vai perder seu emprego na prefeitura.

Na última eleição, presenciei a maior roubalheira, na cara dura, a favor de Roque, na apuração. Tentei denunciar o fato aos juízes, porém nada fizeram e tivemos que sair da apuração escoltados pela polícia, porque tinha um bando do Roque nos esperando lá fora. Ficou bem claro que depender da Justiça por aqui não adianta.

Um conhecido está levantando uma relação de nomes de pessoas que foram obrigadas - por palavras, pressões e até pancadas - a se filarem ao PSD. Roque é o vice-prefeito licenciado e foi eleito deputado estadual pelo PST, com votos que sobraram do Afanázio Jazadji. Agora o prefeito e o Roque se filaram ao PSD e estão fazendo coligação com PDS, PFL etc.

Não sei que fim vai ter essa história, mas a declaração da mulher que apanhou vem a público (ela foi dada para um amigo guardar e "sumiu") só se for por nós, pois os outros partidos comem na mão do Roque. Tenho certeza de que sofreremos algum tipo de revanche. Estou preocupada...

ZILDA DIAS FREITAS
Birigüi, SP

MUDE A CIDADE



Foi gravada uma música - "Mude a cidade para ser feliz" - de autoria de Nilton Duarte, Renau Trevisan e Wanduir Duran, para a campanha do PT em São Vicente. Mas ele serve de jingle para qualquer eleição municipal, pois não tem o nome da cidade nem o do candidato.

Quem quiser adquirir a fita pode telefonar para (011) 251-4091 e falar com Wanduir. A letra é a seguinte:

"Mude a cidade / Para ser feliz / Mude a cidade / Para mudar o seu país / Mudar a vida / Para poder sonhar / Um sonho lindo / Do Brasil mudar / Vai brilhar / Sua estrela vai brilhar / Mude agora, vamos lá / Mude já pra ser feliz / Mude já / Sua estrela vai brilhar / De mãos dadas vamos lá / Mude já o seu país"

MODO PETISTA

Excelente o especial "Pequenas Grandes Administrações", publicado no número 13

do Brasil Agora. Reorganizamos o PT em Pará de Minas e iremos disputar as eleições contra oligarquias seculares. Até então, o que a cidade apresentava aos eleitores como opções eram: a direita, a ultra-direita e a extrema-direita. Estamos organizando oposições sindicais para combater o arquipeleguismo que predomina na cidade.

A matéria do Brasil Agora veio nos dar uma imensa força para a guerra que iremos travar contra a classe dominante local. No entanto, os Diretórios do interior de cada estado devem manter um intercâmbio maior, para que possam contribuir politicamente uns com os outros. Precisamos organizar plenárias pelo interior, abertas à população, com a participação de candidatos a vereador e a prefeito de diferentes municípios e também dos membros da administração municipal das diferentes cidades. Principalmente no interior, onde há carência de quadros.

O tema está aí: "Pequenas Administrações - Grandes Projetos: o modo petista de governar". Ou "Pequenas Grandes Administrações - o modo petista de governar". Então, mãos à obra.

FERNANDO PESSOA
Pará de Minas, MG

COOPERAÇÃO

Dizem que para escrever e publicar algumas palavras é preciso de coragem. Então para criar um jornal "aberto à crítica, à sugestão, ao julgamento, e que toma partido" (lógico, do povo) é necessário muita coragem e ousadia! "Viemos para ficar e incomodar... praticar um jornalismo que sirva à construção de uma sociedade justa, democrática, de homens e mulheres livres e iguais" (Editorial do nº zero). Parabéns, portanto, ao PT e à equipe do Brasil Agora!

Seguindo a linha do jornal, tomo a liberdade de fazer a minha análise crítica, ainda que superficial, sujeita a interpretações equivocadas, baseada nos números zero, 5 e 6, que estão em minhas mãos, os quais foram lidos e relidos com muita paciência.

O número zero foi lido por teimosia! A primeira impressão que tive não foi nada boa, mas, como se tratava do jornal do PT, criei coragem e fui até o fim, com muito sacrifício.

Sou assinante de todas as publicações do PT conhecidas. Nunca tive uma sensação igual e negativa! Sou lutador petista desde a fundação. Eu e minha esposa lutamos muito apesar de nossa idade e falta de saúde. Somos aposentados. Eu tenho 64 anos. Agora não estou na linha da frente, porque tenho problemas graves de saúde. Estou citando isso para demonstrar nossa confiança no PT e nossa adesão sincera e total. Sempre sonhei com um jornal "popular", feito com os trabalhadores, ao alcance da inteligência e do bolso dos trabalhadores, para desmascarar as mentiras da grande imprensa e ser advogado dos que conti-

nuanamente são massacrados.

Basta lembrar os ataques violentos feitos pelo Arnaldo Faria de Sá ao PT e a Erundina nos seus primeiros meses de governo, no programa Record em Notícias. Mas nunca a prefeita foi chamada para se defender.

Faço minhas as críticas do Núcleo Éder Sader, de Brasília, publicadas na seção diálogo do Brasil Agora número 5. Para a "intelectualidade" já temos a Teoria & Debate, que poderia ser menor e mais frequente. Nesta, também os artigos são longos demais.

Conclusão: o Brasil Agora não atinge os que mais precisam dele. Os poucos artigos ao alcance dos trabalhadores não serão lidos por eles, por estarem dispersos num emaranhado de assuntos inatingíveis e no meio de uma "floresta intelectual"!

Faço algumas sugestões: uma linguagem mais simples, parágrafos e artigos curtos. Não transformar o jornal numa tribuna de discussão política.

Os assuntos que acontecem "agora" não podem faltar. E devem estar bem resumidos, com caracteres bem nítidos para os trabalhadores na fábrica e na rua. Temos direito a respostas às deturpações, a uma idéia clara dos acontecimentos diáriamente. Para isso aguardo ansioso o dia de assinar o Brasil Agora. Não sou assinante pelos motivos citados.

Não sou dono da verdade. O que escrevi foi com a intenção sincera de cooperar, para melhorar.

NATALE MORETTI
Sorocaba, SP

OVELHA NEGRA

A carta do leitor Edson Robson (Brasil Agora nº 13) tem algum equívoco que motiva resposta espirituosa de Mouzar Benedito. Mas a questão de fundo é inquietante: a esquerda e sua histórica dificuldade em lidar com as sobrevivências do racismo em toda a rede de relações sociais no Brasil. A questão do início da luta dos trabalhadores no país é um bom exemplo da citada dificuldade e merece reflexão.

Outro ponto fundamental implícito nas preocupações de Edson Robson é o distanciamento do Brasil Agora das lutas e realizações do Movimento Negro. Nesse ponto, a imprensa de esquerda e a burguesa praticamente se igualam: preferem abrir espaços para comentar o racismo dos outros, (EUA, África do Sul, Europa).

Ao invés de mais um debate, sugestão do leitor, eu coloco esta questão: quando a imprensa progressista vai investir no potencial de leitores interessados numa cobertura constante, no dia-a-dia das lutas contra as desigualdades raciais da sociedade brasileira? Exemplos: 1) O país fez recentemente um censo populacional. Sabe-se que o item raça/cor sofre manipulações inaceitáveis e por isso houve campanhas do Movimento Negro. Brasil Agora cobriu o assunto? 2) A cidade de São Paulo é o pólo de pro-

dução de literatura negra brasileira contemporânea. Anual e ininterruptamente as realizações se multiplicam desde 1978. Brasil Agora ainda não ofereceu a seus leitores uma visão desse fenômeno?

JAMU JINKA
São Paulo, SP

REGISTRO

Recebemos o boletim Solidariedade, informativo da Associação dos Agentes do Trabalho de Minas Gerais.

DISCRIMINAÇÃO

Resposta do desenhista Kipper aos protestos contra sua ilustração para a matéria "Viva a ciranda internacional", publicada no nº 13 de Brasil Agora:

"PC do B (Politicamente Correto do Brasil) - Aconteceu nos EUA: após a colisão entre seus veículos, o motorista (branco) de um dos carros saiu da cabine furioso, em direção ao outro motorista, disposto a esmurrá-lo. Chegando na porta, conteve o braço já erguido e um palavrão pela metade (filho da ...) ao perceber que seu abalroador fora um "afro-americano": se o esmurrasse podia ser processado por racismo.

Porém o "afro" era advogado, e ao perceber o subterfúgio do outro exigiu ser tratado com igualdade, ou seja, ser esmurrado e xingado.

Igualdade é assim: pras horas boas e ruins."

BRASIL AGORA

DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** RUI FALCÃO. **EDITOR DE ARTE:** JOCA PEREIRA. **DIAGRAMAÇÃO:** CELSO MADEIRA. **REDAÇÃO:** FLÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDITO, RAJMONDO PEREIRA, VALTER POMAR. **SECRETARIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTÔNIO SCHUSTER. **CÓPIADESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETH D. DA SILVA. **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** CACO BISOL E SÍLVIA PANZOLO. **COLABORADORES:** ALAN RODRIGUES, ÁLPIO FREIRE, ALCÍDIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, ANTONIO MARTINS, BERNARDO KUCINSKI, BRENÓ ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EMIR SADER, EUGÉNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLAVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, IVAN SEKAS, ISAAC AKCELRUD, JOSÉ ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MARCIA BRAGA, MARCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MÁRCIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIR, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, OHÍ, PATO, PATRÍCIA CORNIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, ROGÉRIO SOTTI, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, VLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETÉ NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GIETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 220-7198/222-6318. FAX: (011) 222.2865. **GERENTE GERAL:** HUGO SCOTTO. **ADMINISTRAÇÃO:** M^a ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **CIRCULAÇÃO:** JOSÉ LUIS NADAI. **ASSINATURAS:** MIRIAN TAKAHACE, PAULO M. SOLDANO, JÓ SILVA [DIGITAÇÃO] - FONES: 223.2974 E 220.7718. **EXPEDIÇÃO:** PAULO E. SOLDANO, TONHÃO. **SERVICOS GERAIS:** JOSÉ A. GUEVARA, ELISANDRA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCILENE B. SILVA. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 22 DE MAIO DE 1992. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** RUI FALCÃO



Os saqueadores estão no Planalto

Impunidade para as elites, cadeia para os pobres: foi à base de muita polícia e repressão que se conseguiu deter - provisoriamente - a onda de saques que tomou conta do Rio de Janeiro. Mas não nos enganemos: o povo passa fome e, ainda bem, quer sobreviver. Este é o tema de nossa reportagem de capa (páginas 5, 6 e 7).

Os verdadeiros saqueadores estão no planalto central: esta é a conclusão que se pode extrair das abundantes denúncias envolvendo o presidente, seu irmão e o "caixa" da campanha collarida, Paulo César Farias, o "PC". Neste cenário, não há porque estranhar o assassinato do governador do Acre, Edmundo Pinto. Na página 13, Jorge Viana, candidato do PT à prefeitura de Rio Branco, fala sobre o crime, em entrevista exclusiva ao Brasil Agora.

É neste cenário turbulento que se realizarão as eleições municipais. Os partidos de esquerda, presentes nas lutas sociais e diri-

gindo importantes administrações, esperam multiplicar sua presença nas Câmaras de Vereadores e Prefeituras em todo o país. Brasil Agora publica nesta edição um caderno especial sobre a movimentação eleitoral nas capitais (páginas 8 a 11).

Perspectivas otimistas, notícias desalentadoras: a imprensa tem divulgado com constância a história de delatores e traidores, que na época da luta contra a ditadura militar colaboraram com a repressão. Como contraponto, sugerimos a leitura da biografia de Iara Lavelberg, uma entre tantos que deram a vida na luta contra a ditadura. Para ela, e para todos os que ousaram lutar por um sonho generoso de democracia e socialismo, a homenagem de Brasil Agora: Iara, presente!

O EDITOR

A FOTO DA CAPA É DE HIPÓLITO PEREIRA / AE

OPINIÃO

Imprensa vesga

As revoltas em Los Angeles e outras cidades dos Estados Unidos, em decorrência da absolvição de policiais que, em março de 1991, espancaram um motorista negro, oferecem uma oportunidade única para verificar a objetividade da imprensa nos países capitalistas. Basta trabalhar com a hipótese de os Estados Unidos serem um país socialista e imaginar, com alguma dose de humor, como teriam sido as manchetes e editoriais se essa hipótese fosse verdadeira.

Para começar, os protestos da comunidade negra seriam considerados movimentos justos contra a opressão da máquina repressiva comunista e não ações de "um bando que promoveu atos de vandalismo", como afirmou o presidente Bush. Os incêndios, saques e atos assemelhados seriam compreendidos como ações legítimas da revolta popular contra o regime socialista e não badernas e conflitos promovidos pelas "gangues de rua", como noticiou a maior parte da imprensa.

MISÉRIA SEM CAUSA. Quando a guarda nacional e o exército americanos foram enviados para Los Angeles, isso teria sido apontado como decisão da linha-dura comunista para esmagar a ferro e fogo os protestos populares e não uma ação do governo para restabelecer a ordem e a paz, como colocaram em manchete os principais jornais em todo o mundo capitalista. Os conflitos entre negros e coreanos e entre negros e brancos seriam mil vezes contados como o exemplo do fracasso do socialismo em estabelecer a paz entre as raças e as nacionalidades e não como simples reflexo das desigualdades sociais existentes entre as diferentes comunidades, como escrevem inúmeros analistas de dentro e de fora dos Estados Unidos.

Mesmo as interpretações razoavelmente sérias dos acontecimentos, que apontam o crescimento entre as comunidades negra e hispânica nos Estados Unidos como as causas mais evidentes da explosão popular, jamais se referem ao capitalismo como o sistema gerador das desigualdades, injustiças e arbitrariedades que só aguardavam um bom motivo para explodir. O presidente Mitterrand, do outro lado do Atlântico, sentenciou que "a sociedade americana é muito conservadora e sua economia excessivamente liberal". Para ele, essa discrepância só poderia ter a explosão racial como consequência. Mas ele jamais diria que a população de Berlim, Leipzig e outras cidades da Alemanha Oriental teria ido às ruas porque sua sociedade era muito conservadora e sua economia excessivamente fechada ou centralizada. Ele diria, como aliás disse, que a população estava indo às ruas para liquidar o sistema socialista, mesmo antes que as manifestações tivessem esse objetivo.

CAPACIDADE DE ENRUSTIR. Seria possível gastar páginas e páginas ilustrando como o capitalismo consegue falar e

analisar os tremores e conflitos que ocorrem em sua sociedade, dissociando-os da natureza dessa mesma sociedade. É preciso tirar o chapéu para a eficiência com que seus analistas apontam as disparidades entre brancos e negros nos Estados Unidos (a mortalidade infantil entre os negros é o dobro da dos brancos, quase 50% das crianças negras vivem na pobreza e o desemprego entre os negros é proporcionalmente muito maior do que entre os brancos), mas no máximo indicando como causas a recessão e a guerra comercial com o Japão e a Europa.

De qualquer maneira, os acontecimentos de Los Angeles e muitas outras cidades americanas trouxeram à luz do dia as mazelas e dificuldades do sistema capitalista americano. A fachada de grande potência democrática e liberal, que os EUA procuram manter, está sendo corroída pelo crescimento das desigualdades sociais e políticas geradas tanto pela brutal concentração da riqueza na última década quanto pelo empobrecimento do país diante dos seus correntes capitalistas.

QUE FUTURO! Por ironia do destino, os Estados Unidos pretendem conservar-se como única superpotência mundial, mas se encontram num processo de desagregação que só não é mais acelerado do que o da União Soviética porque os japoneses reinjetam constantemente na economia americana os dólares que sujam dessa mesma economia e dos países do Terceiro Mundo.

Quem sonhava com um mundo dominado pela *paz americana* deve estar cada vez mais se perguntando que paz será essa. Não por acaso, diz-se que o embaixador iraquiano na ONU sugeriu o envio de uma força de paz das Nações Unidas para Los Angeles.

VLADIMIR POMAR,
jornalista



RÉPLICA

Mística confusa

Nas últimas décadas, a ciência - e o pensamento científico - tornaram-se alvo privilegiado de duras críticas de intelectuais e pensadores conservadores, e também de muita gente progressista. Muitas vezes essa crítica baseia-se no misticismo e no esoterismo, como é o caso do artigo de José Tadeu Arantes, "Tempo de espiritualidade", publicado no Brasil Agora nº 9, onde a tentativa de compreensão da atual onda de misticismo ancora-se na saudação do "renascimento da espiritualidade" e na crítica à ciência "materialista". Intelectual e jornalista de grande cultura, Tadeu faz aqui a confusão, comum entre esses críticos, da ciência com o paradigma galileico-newtoniano.

LIMITAÇÕES. Esse paradigma nasceu da união entre ciência e técnica no Renascimento europeu. Cresceu com a obra de Newton, Galileu e Descartes, e adquiriu o estatuto de modelo científico hegemônico, que mantém até nossos dias. Seu êxito baseou-se naquilo que se revelou, mais tarde, como um defeito grave: a capacidade de simplificar e esquematizar. As reparações, características desse paradigma, entre sujeito e objeto, pensamento e matéria, tempo espaço e matéria, decorrem dessa capacidade.

A obra de Georg Hegel, escrita no período em que as revoluções industrial e burguesa se estenderam pelo continente europeu, registra a primeira e principal reação sistemática às deficiências desse paradigma.

Tadeu fala em "experiências transpessoais" - uma idéia de Stanislav Grof - mas não explica o que é isso. Grof pensa na existência de uma consciência extra-humana, que está em outra dimensão do ser - algo que os religiosos chamam de esfera divina ou Deus.

Tadeu troca a ciência da sociedade de pela psicologia para provar que o

"renascimento da espiritualidade expressa um movimento profundo do próprio espírito". Porém, socorre-se apenas de autores que estão nessa onda mística e simplesmente desconsidera importantes estudiosos modernos do cérebro e dos fenômenos mentais. O britânico Steve Rose, o norte-americano Israel Rosenfield, ou o soviético Lev Vygotsky (que tentou escrever *O Capital* da psicologia, mas morreu de tuberculose em 1934, com 38 anos de idade) e seus seguidores modernos, Aleksandr Luria, ou Alexis Leontief, que fundamentam uma compreensão rigorosamente materialista dos processos mentais, não merecem, sequer, a consideração de uma avaliação crítica!

Finalmente, outro problema é a confusão (oculta na expressão "materialista e mecanicista") entre o paradigma newtoniano e sua crítica hegeliana e marxista. Tadeu sabe que Marx partiu da crítica a *todo materialismo anterior*, dando origem ao materialismo moderno, que recusa radicalmente o reducionismo da ciência positivista e a substitui por um pensamento científico que incorpora o tempo e a contradição como elementos fundamentais para a explicação dos fenômenos naturais e humanos.

Pode-se adivinhar problemas e limitações semelhantes aos do modelo newtoniano na atitude dos que, criticando-o, refugiam-se no regaço cômido e acolhedor de formas ancestrais de pensamento, que já serviram à humanidade. Trata-se de um falso rompimento com o paradigma dominante. As dualidades em que esse modelo se baseia (espírito/materia, sujeito/objeto etc) impõem formas de pensamento que enfatizam um desses pólos. A ênfase no subjetivo, no espiritual, na idéia, continua tão prisioneira dessa armadilha como a ênfase nos pólos opositos.

NOVA SÍNTSE. Essas dificuldades só poderão ser superadas por uma nova síntese, apontada pela crítica hegeliana e marxista ao modelo newtoniano. E por Goethe, há quase duzentos anos. Polemizando contra os místicos de seu tempo, acusava-os de "perturbar o homem por meio de exigência inatingíveis e desviá-lo da atividade no mundo externo para uma falsa contemplação interior", pois o "homem só se conhece a si mesmo na medida em que conhece o mundo que ele só em si mesmo descobre, como também nele a si mesmo descobre". Esta é uma indicação precisa das exigências que hoje se colocam aos que buscam alcançar essa nova síntese, capaz de unir matéria e pensamento, sujeito e objeto, num novo e mais avançado estágio de desenvolvimento da ciência e do pensamento humano.

JOSÉ CARLOS RUY,
jornalista



PARTIDOS

PT SEM CONVERGÊNCIA?

Por uma maioria de 64% dos votos, o Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores, reunido nos dias 8 e 9 de maio, deu um prazo de quinze dias para a Convergência Socialista cumprir as decisões do 1º Congresso do PT e enquadrar-se na regulamentação de tendências ali aprovada. Se isto não ocorrer, a CS terá suspensa sua inscrição como tendência petista e seus filiados terão de optar entre permanecer na Convergência ou no partido.

Foram rejeitadas duas outras propostas: uma, que não previa qualquer medida punitiva em relação à Convergência; e outra, aprovada em linhas gerais no Encontro Municipal de São Paulo e no Encontro Estadual de Minas Gerais, que defendia um tratamento caso a caso das disciplinas da Convergência.

O Diretório Nacional petista rejeitou também uma proposta que estipulava, para o dia seguinte ao próximo Encontro Nacional do PT, a adoção de uma decisão final sobre o assunto. Em contrapartida, decidiu-se garantir a legenda petista para os candidatos vinculados à Convergência - mesmo na hipótese dela não se "enquadrar", já que não haveria como formalizar legalmente sua condição de partido, a tempo de participar das eleições deste ano.

A Convergência - que elegerá cerca de 7% dos delegados ao 1º Congresso petista e 6% no Quarto Congresso da CUT - tem até segunda-feira, 25 de maio, para responder se pretende permanecer no PT, que até agora vinha conseguindo administrar razoavelmente bem suas variadas tendências internas. Seja para sair, seja para ficar, seja para recorrer ao Encontro Nacional do PT - que tudo indica deverá ocorrer em março de 1993 - uma coisa é certa: a bola está com a CS.



SUEU DANTAS

Corporativa ou não, a categoria mostrou a sua força. Agora quer de volta os demitidos.

MOTORISTAS DE SÃO PAULO

Todos nós perdemos

A longa greve dos condutores expôs de forma explosiva as contradições vividas pelo PT.

A mais longa greve da história dos condutores de veículos paulistanos (9 dias) teve como adversária uma administração democrática popular. Mais do que atribuir culpas e responsabilidades, o fundamental é entender a dinâmica que envolveu um sindicato e uma prefeitura hegemonizadas pelo PT.

LÓGICA DO IMPASSE. De 1989 para cá, sob uma gestão cutista, o sindicato triplicou o número de associados: de 20 mil para cerca de 65 mil (o que perfaz um índice elevadíssimo, cerca de 80% de sindicalização). Conseguiu construir uma poderosa rede de organização nas garagens, oficinas e escritórios.

Apenas 4 das 63 unidades não têm comissões eleitas diretamente na base. Institucionalizadas na CMTC, elas foram se alastrando para as garagens particulares, muitas vezes através de greves, como na Viação Castro e na Gato Preto. O sindicato conta ainda com 450 cipeiros nas empresas particulares (cerca de 70% da categoria) e 428 na CMTC.

Mesmo com uma greve de advertência realizada no dia 28 de abril, o máximo oferecido pela Prefeitura aos trabalhadores foi de 77% de reajuste, assim distribuídos: 21% para o mês de maio, 23% para junho e 19% em julho. A partir de agosto, haveria reajustes mensais pelo INPC.

A reivindicação do Sindicato era de 89% de reposição e reajuste mensal pelo Dieese. Em abril passado, o reajuste



Edivaldo: ofensas

Luiza Erundina: demissões

Lúcio Gregório: negociações

concedido pela Prefeitura tinha sido de apenas 8%, contra um índice do custo de vida medido pelo Dieese em 24,5%. Para o mês de maio, o piso salarial dos motoristas do ABC, cujo transporte é municipalizado, era 30% superior ao piso da categoria em São Paulo (965,2 mil contra 683,2 mil).

JUSTIÇA. A proposta de conciliação do TRT no dia 12 de maio - segundo dia da greve foi de um reajuste de 89,49%, em duas parcelas (38% e 37,3%). O sindicato aceitou a proposta, recusada pela Prefeitura. A decisão do TRT impõe aos grevistas após três dias do julgamento da greve, foi de 89,49% em três parcelas (21% em maio, 25% em junho e 25,28% em julho). Mesmo após o fim da greve, a prefeitura continuava obstinada na posição de não rever as quinhentas demissões e afirmava que iria entrar com recurso no TST contra o pagamento dos 89,49% em três parcelas.

PERSONAGENS OCULTOS. Co-

mo é fácil de constatar não havia propriamente um abismo entre o reivindicado, a proposta da prefeitura e o resultado final. Havia espaço para uma proposta intermediária de reajuste salarial. É importante notar que já haviam sido acordadas uma série de conquistas.

Para entender porque não houve um acordo, mais além de erros cometidos, é preciso levar em conta dois personagens ocultos: o arrocho salarial causado pela política econômica de Collor e o cerco financeiro que a direita busca impor à Prefeitura.

Com o boicote dos repasses devidos pelo governo federal, a queda da arrecadação devido à recessão, a perda imprevista no orçamento original - causada pelo bombardeio ao IPTU - a Prefeitura tem que administrar em meio a fortes restrições financeiras. Área prioritária, o setor do transporte abocanha cerca de 27% do orçamento real praticado.

A municipalização, que melhorou qualitativamente o

controle da administração sobre o sistema de transporte, torna as receitas da prefeitura dependentes diretamente das tarifas que ela arrecada diariamente, pagando aos 80% dos 9,5 mil veículos, que são privados, uma quantia por quilômetro rodado.

Por isso, a prefeitura considerou que uma elevação mais ofensiva do salário dos motoristas teria provavelmente que ser repassada, em alguma medida, para as tarifas.

VISÃO DE CONJUNTO. Sindicato e prefeitura agiram em sentidos inversos: a legítima defesa dos salários e a redução de custos. Faltou aos atores do conflito uma visão de conjunto, única possível de transcender visões particularistas e intermediar lógicas conflitantes. Evitando assim que petistas demitem grevistas, reclamem mais policiamento ou ataquem com termos ofensivos figuras públicas do partido.

JUAREZ GUIMARÃES

VOÇÊ SABE POR QUE MUITOS DOS EVENTOS POLÍTICOS E CULTURAIS QUE A ESQUERDA PROMOVE NÃO DÃO EM NADA?

Porque é preciso gente especializada e competente administrando esses acontecimentos. Gente que possa, com poucos recursos, transformar simples idéias em fatos marcantes e inesquecíveis.

GAUCHE. PRA ESQUERDA FAZER E ACONTECER.



GAUCHE
Eventos e Promações
Av. Rio Branco, 156 • Conj. 503
Ed. Avenida Central
Rio • RJ • CEP 20043

Tel.(021) 262 1236
FAX.(021) 262 4841

SAQUES

**BRASIL AGORA VIU POR DENTRO A ONDA DE SAQUES QUE SE
ESPALHOU PELAS REGIÕES MAIS POBRES DO RIO. E DESCOBRIU
QUE POR TRÁS DELES NÃO HÁ, EM ESSÊNCIA, NEM O CRIME
ORGANIZADO, NEM A DIREITA - APENAS A REVOLTA SURDA DOS
TRABALHADORES "DESORGANIZADOS", QUE ATÉ MESMO AS
FORÇAS PROGRESSISTAS TÊM DIFICULDADE DE COMPREENDER.**

1 Vila Kennedy, 16 de maio:

O Rio de Janeiro continua lindo - ao menos nas telas do artista plástico Jorge Guilherme, o "My Friend". "Apoteose II", por exemplo, pintada a pretexto de retratar o Carnaval, vê a Zona Norte como uma festa de cores e formas, mais esplêndida e impressionante que o próprio desfile das escolas de samba. Sob o céu azul vão surgindo sucessivamente, como se fossem camadas de luz, nuvens branquissimas, morros ondulados e tingidos de diferentes tons de verde, e uma profusão cubista de casinhas multicores. Só no fim aparece a Passarela do Samba, onde desfila a Mocidade Independente. É como se "My Friend" quisesse alertar, falando a linguagem das tintas: "admirem o samba na pista, mas lembram que há vida nos morros".

Subitamente, Jorge Guilherme pára de falar sobre sua obra. Acaricia, para que deixe de chorar, o filho de quatro meses, que mantém no colo. Faz com o braço direito um gesto largo, e quase toca as quatro paredes da sala-cozinha de sua casa minúscula, uma das mais simples na Gleba 3 de Vila Kennedy. Mira o chão de cimento áspero e cinzento, a mesa escura sobre a qual se amontoam papéis, utensílios e poucos mantimentos, e do lado de fora o quintal de poeira e mato. Pela única janela entra a luz que lhe realça a pele negra e o cabelo rastafári oxigenado, e ilumina as outras telas coloridas, que estendeu onde couberam. Diante delas sorri, torna-se enfim menos formal e volta ao assunto iniciado na véspera. "Eu pedi para não trazer fotógrafo porque além de tudo não organizei o saque. Mas também não me opus. Preparado ele foi, sim, mas por gente responsável, que sustenta família. Vão achar agora que por trás está o narcotráfico?"

De formas diferentes, a questão colocada por "My Friend" foi debatida, na semana passada, pelos governos do Rio e da União, pela polícia fluminense e pelos próprios militantes de esquerda do estado. Por que os saques começaram timidamente, espalharam-se com rapidez, a partir de certo instante, e então cessaram, como por encanto? Por que ocorreram quase sempre à mesma hora -- "entre meia-noite e duas da manhã"? Por que se transplantaram para São Paulo, depois de sossegados no Rio? Quem os promove? A quem interessam?

2 Madureira, 14 de maio:

"Você veio atrás de *know-how* para os saques em S.Paulo? Pode escrever que, se precisar acabar com eles, eu já tenho a fórmula. Bastam cinco noites sem dormir, e não voltam nunca mais." Magro, cordial, um perfil que faz lembrar o de Noel Rosa, o tenente-coronel César Pinto parece inteiramente adaptado às instalações espartanas do gabinete de comando do 9º Batalhão de Polícia Militar (BPM) do Rio. Poucas peças compõem o mobiliário de sua sala - um sofá de curvim, uma estante modular de cerejeira, um aparelho portátil de TV e a própria mesa do comando. Em compensação, pelo menos três grandes distintivos militares pendem do peito do coronel. De lá vêm também um punhado de certezas. Os saques que sacudiram o Rio por quase quatro semanas não têm a ver com o empobrecimento dramático da população: "É baderna mesmo, é tentativa de confronto".

O comandante tem agora, diante de seus olhos, um pequeno mapa do município do Rio de Janeiro. O trecho que corresponde às regiões norte e oeste está coalhado de pontinhos negros, um para cada localidade onde ocorreu um ataque a supermercado, no período entre 7 de abril e 7 de maio. Mais de trinta pontinhos, ao todo. O comandante reconhece: a grande maioria ocorreu em sua jurisdição, a enorme área que vai da Baixada Fluminense a Jacarepaguá. E começa a tecer sua explicação para o fenômeno. "No início, as tentativas eram muito estanques. Pensamos que fosse espontâneo, problema econômico. Depois, como não havia repressão, as ações se avolumaram, e fomos verificando que havia aproveitadores, que alguém estava por trás fustigando."

O coronel não se furta a apontar o "alguém". Diz que por sua influência foram proibidos, no final de março, os bailes *funk* que agitavam os fins de semana da Zona Norte. "Os bailes estavam virando palco de confrontos de gangues da comunidade menos favorecida, degeneravam em depredações, invasões de ônibus e arrastões." Acha que os organizadores dos bailes podem ter armado uma espécie de vingança, "para desmoralizar o comando e reinstalar um quadro nocivo à comunidade". E crê que a eles se juntaram pequenos traficantes, que igualmente ganham com a desordem, diante da qual "as autoridades são obrigadas a deixar quietas as bocas de fumo".

O comandante do 9º BPM não se nega sequer a descrever o dispositivo policial que armou para pôr fim aos saques. Diante dos supermercados próximos às comunidades mais pobres, foi instalado patrulhamento fixo, durante toda a madrugada. Os estabelecimentos mais distantes, em que o deslocamento de eventuais saqueadores é maior, foram vigiados por quatro equipes de policiamento motorizado, munidas com soldados de choque.

Através desse segundo dispositivo foram feitas dezenas de prisões. E trou em cena um elemento de terror contra os pobres. O 9º BPM solicitou às delegacias de polícia civil que deixassem de qualificar os saques como "furtos famélicos" e passasse a tratá-los como "furtos qualificados", inafiançáveis. Pelo menos até o dia 16 havia no Rio cidadãos trancafiados em delegacias, por haverem furtado sacos de arroz e feijão, latas de leite em pó e atum, salames, mortadelas, presuntos, frascos de detergentes. "Alguns levaram também garrafas de uísque", o coronel sente necessidade de salientar.

**"MISÉRIA, MISÉRIA EM QUALQUER CANTO, A MORTE NÃO CAUSA MAIS ESPANTO"
(TITÂS)**



3 Vila Kennedy, 15 de maio:

à Avenida Brasil. Se hoje fosse domingo, você ia ver a agitação que é essa praça, a turma se divertindo de mil maneiras."

Uma enorme lua cheia parece ser cúmplice do entusiasmo de Luiz Severino, militante do PT, líder popular do bairro, uma pausa para cumprimentar amigos a cada 20 metros. Ele já mostrou por mais de meia hora as ruas da Gleba 1, tão cheias de histórias quanto de buracos. "Vê esse asfalto miserável? Foi feito pelo Chagas Freitas em 1982. Mas ele queria que enchessemos a Avenida Etiópia de faixas em apoio ao Miro Teixeira. Dissemos que as nossas faixas iam exaltar é a luta dos moradores, e ele então mandou que os caminhões apenas jogassem piche sobre o pó."

Luís Severino fez questão de exhibir também a incrível réplica da Estátua da Liberdade, perdida num canto da Praça Miami, carcomida pelo tempo e ornada pelos pichadores com seios de spray azul. "Repare na placa: 'Do governador Carlos Lacerda para a comunidade - 1964'. A primeira turma foi trazida para cá das favelas do centro, à força. Depois isso cresceu, hoje são 100 mil pessoas. As casas eram piores do que são agora. O pessoal é que foi construindo um comodozinho aqui, outro ali, e por isso você vê essas paredes sem reboque."

Mas em seu rosto é visível um certo encabulamento, quando o assunto são os saques. "Não conseguimos ver nada de estranho por trás", garante: "o que está acontecendo é a necessidade". Mas Luís sabe que a esquerda também não se organizou. "A esquerda está em dificuldades, hem, companheiro. Aqui no Rio, as entidades populares mais coerentes, mais democráticas, são dirigidas pelos partidos progressistas. Mas são poucas, são bem pouquinhas..."



"Esta é a Praça das Dalomitas, o centro nervoso da Vila Kennedy. Quando o Lula esteve aqui, na campanha para presidente, discursou bem nesse montinho em que você está apoiando o pé. Estava coalhado de gente, até

Lapa, 14 de maio:

4

A esta hora, quase 8 da noite, apenas um elevador maltratado funciona, aos trancos e barrancos, no prédio do número 200 da Rua da Lapa. Quase todos os escritórios já se esvaziaram. No conjunto 809, no entanto, a noite está ape-

nas começando. As pessoas chegam e se dirigem para uma das três reuniões que ocorrem simultaneamente. O telefone não pára de tocar. O pessoal do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas - CEAP - tem pressa.

Constituído a partir da Associação dos ex-alunos da Fenabem, o CEAP é hoje uma das Organizações Não Governamentais mais atuantes e respeitadas do Rio. Seu Centro de Documentação possui talvez o material mais completo e atualizado sobre a onda de saques que varreu a cidade. É aqui, em meio a arquivos enormes e pilhas de papéis espalhadas pelas mesas, que Jorge Barros e Otair Fernandes de Oliveira, dois diretores da entidade, vão expondo as hipóteses debatidas pelo CEAP para responder às dúvidas mais importantes a respeito do movimento.

Duas questões eles matam de pronto. "A polícia acusa alguns saqueadores por levarem queijos e latas de azeite", lembra Otair, "e poderia ser diferente? O arroz, o feijão, a maior parte das pessoas ainda consegue comprar. O que elas estão eliminando por completo é o consumo de qualquer alimento um pouquinho mais sofisticado. Se há um saque, é natural que tentem apoderar-se destes itens. O que deveria causar espanto é o fato de haver gente invadindo supermercados para levar arroz, açúcar e farinha".

"Os bailes funk são às vezes violentos", diz Barros. "Mas procure entender por que eles chegam a reunir um milhão de jovens, nos fins de semana. Ponha-se na situação de um adolescente pobre - um jovem camelô, por exemplo. Onde você vai extravasar a tensão da falta permanente de dinheiro, da necessidade de fugir todos os dias do 'rapa', das humilhações que a polícia impõe? Na calma de um restaurante, um teatro, um clube da Zona Sul?"

Subitamente, uma pergunta torna Barros mais incisivo: o fato das hipóteses acerca de quem organiza os saques apontarem sempre para forças conservadoras não revela que a esquerda de certo modo abandonou os descamisados?

"O que ocorre", ele responde, "é que, por falta de uma visão mais ampla sobre a realidade brasileira, as forças progressistas estão consolidando uma tradição estranha, de só atuar junto aos trabalhadores vistos por elas como 'organizados' - os que estão filiados a algum partido ou sindicato".

"Prevalece a idéia de que a população tem de adquirir consciência e se organizar - ou seja, tem que se aproximar de mim, que sou consciente e organizado. Mas o que é feito na outra via? Como é difícil nos aproximarmos dos descamisados, acabamos não fazendo nada. Certas teses, como as que propõem trabalhar também pela via cultural, considerar mais profundamente a questão racial e levar em conta formas de organização não tradicionais - montar um time de futebol no morro, por exemplo - são desprezadas ou aceitas apenas formalmente, mas jamais levadas à prática. Vai surgindo até mesmo uma postura ética muito deformada. Tem gente muito 'progressista' que se recusa a ir à Baixada Fluminense. Pensam mais ou menos assim: 'eu gosto do povo, defendo o povo, mas eu aqui e ele lá'. De forma que ou a esquerda rompe com esta formação, e desce do pedestal em que se colocou, ou ficará cada vez mais distante de um setor da população que tende a se tornar majoritário."



5 Vila Kennedy, 15 de maio

fata de queijo envolvida por duas bolachas Maria e uma canequinha de leite. Num canto do saguão-refeitório, duas funcionárias falam sobre o saque do Supermercado Carneiro, a cem metros dali.

"Na Vila Kennedy tem problemas de todo tipo", diz Vera. "Eu sei porque vendo Yakult. Mesmo sendo muito baratinho, cada dia é uma freguesa nova que diz: 'vou ter de parar de comprar, meu marido foi despedido'. Também perguntam muito por emprego, tem gente à beira de uma vaga pra passar, pra lavar roupa, pra qualquer coisa."

"A gente tira também pela creche", emenda Janete. "O loirinho na ponta do banco está com piolho, e normalmente a gente mandaria de volta pra casa. Mas a mãe esteve aqui hoje e pediu: 'pelo amor de Deus, deixa ele ficar, que em casa não tem leite'. Você vai deixar a criança com fome?"

"Você quer saber mesmo é dos saques, não é?" retorna Vera. "Sinceramente, eu não tenho contato. Mas acredito que é a turma da baderne. Agora, se eu soubesse que pegava e não era presa, aí eu também ia, vou te falar. O filho de uma prima levou dez quilos de arroz. Olha, dizer quem saqueou, eu não digo. Mas ensino onde é. Se você quiser ir por sua conta, não tenho nada com isso."

O caminho indicado leva direto à Gleba 3, a parte de Vila Kennedy onde as casas são menores e mais simples. Passa defronte ao "Carneiro", o mercadinho saqueado, onde os artigos mais caros são caçarolas de alumínio vagabundo - Cr\$ 21 mil - e garrafas de vodka Smirnoff - Cr\$ 14.800. E termina numa grande construção da Assembléia de Deus. Junto dela moram Esther, o marido e o filho. Ela não tem medo de falar.

"Foi de madrugada. A gente estava dormindo, escutou o pessoal correndo e gritando: 'Vambora, vambora, vamos pegar'. A turma não chegou a arrombar nada, abriu só um buraco na parede do depósito. Não tinha artigo de luxo, não. Levaram só arroz, feijão, leite em pó. Eu e meu marido não fomos, porque somos cristãos. Mas quem quis pegar, pegou. E quem pegou foi gente necessitada."

Mais alguém junta-se ao grupo. É Jorge Guilherme, o pintor "My Friend". "A causa é a política econômica, que está toda contra nós. Os mais pobres sempre sofrem em dobro. Durante algum tempo, ainda dá pra evitar a fome arrumando um bico, trabalhando um pouco mais. Mas agora, muitos não têm nem alimentos para suas famílias."

"Estou atrás de emprego, e não vem nem biscoito", dizem na roda.

"My Friend" continua: "Mesmo para quem tem, o salário vai todo no alimento. Só que de vez em quando surge algum extra, um remédio para o filho, um conserto em casa. Aí, você é obrigado a cortar na comida".

"O povo fica de barriga vazia, começam a vir maus pensamentos", opinam noutro lado da roda. "Quando a alimentação acaba na quinzena, vai entender."

A expressão "maus pensamentos" é rechaçada: "O saque, aqui, beneficiou toda a comunidade - foi bom pros trabalhadores, que têm pouco, e pra nós, desempregados, que estamos sem nada. Da geração de jovens, grande parte trabalhava, muitos na Companhia de Limpeza de Niterói. Agora, estamos sem nada".

Alguém brinca. "Levamos coisa básica: arroz, feijão, macarrão. O vinho deixamos, o garrafão era pesado e parecia muito vagabundo."

"O jornal disse que é coisa do tráfico, mas é a comunidade mesmo quem vai. Vê se traficante vai querer rolo com a polícia!"

- A polícia está dizendo que os saques terminaram, provoca o repórter.

"A fome terminou? O desemprego terminou? Então diz pra polícia ficar esperta, que os saques pararam... até recomeçarem!"

ANTONIO MARTINS

(colaboraram Maísa - pesquisa - e Eliana Bezerra da Silva - reportagem)

ANDRÉ DUŠEK / AE

O LERO-LERO DA MODERNIDADE

Nas últimas semanas, o país foi sacudido pelo entrechoque de saques: de um lado, a gente pauperizada, às vezes em má companhia, invadindo supermercados para ter o que comer; de outro, o botim organizado pelo amigo mais querido do presidente, enfim denunciado pelo irmão caçula da família Collor de Mello.

Como em outras ocasiões nas quais a face mais suja e apodrecida do poder das oligarquias esteve sob luz pública, tomou conta da cena política o corre-corre da governabilidade, o esforço suprapartidário para evitar que o tumulto das ruas batasse às portas do Palácio do Planalto.

Os partidos dos de cima, movidos por fortes interesses, cumpriram seu papel. O problema é a banda esquerda que, ferida por medos e ilusões, juntou-se ao coro e virou-se de costas para a platéia que clama por alguma providência.

Quanto mais funda é a crise do país -- cujos contornos morais já alcançaram os padrões da Uganda de Idi Amíl Dada --, mais ousada e saliente torna-se a ação de certos homens e mulheres públicos, de história enraizada ligada aos de baixo e que, no entanto, têm optado ultimamente por disputar com avidez títulos de bom-mocismo, elogios de comedimento, perfil de mauricinhos e patricinhas da luta social. O pior é que são apenas o lado mais visível, como bradou o professor Cristóvam Buarque, de uma esquerda "capturada pela direita, pelos empresários, abandonando o povo".

Não é mais tolerável que se evite falar deste dilema. O desafio maior dos progressistas, aí incluído o Partido dos Trabalhadores, não está em "políticas de alianças", "propostas positivas para a crise", ou coisa que o valha. Já fomos derrotados em 1989 porque nossas palavras não encontraram guarida entre os mais pobres, enebriados que estávamos com a idéia de "conquistar as camadas médias". Agora, a base social que pode dar sustentação aos grandes projetos de mudança vai sendo esgarçada pela recessão, pelo desemprego, pela fome, e vê seus líderes e representantes chafurdados no lero-lero da modernidade, insensíveis ao desespero dos que já não têm mais nada a perder.

O silêncio político da esquerda é, para os de baixo, sinal de cumplicidade -- por omissão -- com os saques dos poderosos e de esgotamento da idéia de luta coletiva e organizada. Não se trata do silêncio moral, porque neste campo somos até bem ruidosos. O problema é de outra natureza: enquanto a esquerda, em sua postura e em sua política, não se transformar no partido que quer pôr fim a este governo, a cena será dominada pelos de sempre e, em nosso papel coadjuvante, seremos a decoração que dá respeitabilidade à casa de tolerância.

A crise de governabilidade, santo Deus, é a única possibilidade de regeneração do país e de redenção dos despossuídos. Quanto mais estável for este governo de fome e de lama, pior. Cabe à esquerda, aos que se identificam com a dor e a esperança dos trabalhadores, reduzir a margem de governabilidade de Collor e seu bando, transformar o mar de lama das elites no cemitério político e moral da coligação entre as republiquetas das Alagoas e do acarajé.

Nada de fantasias, de modismos modernos, de frescurinhas. Voltemos à boa tradição da esquerda.

BRENO ALTMAN

Na foto, Pedro Collor e esposa



SEM-TERRA**O JÚRI FOI MARCADO**

Os sem-terra acusados de matar o PM Valdeci de Abreu Lopes no conflito entre colonos e policiais militares em 8 de agosto de 1990 serão julgados por júri popular no próximo dia 24 de junho. Quatro deles - Otávio Amaral, Idone Bento, Augusto Moreira e José Govaski - ficaram presos durante 17 meses no Presídio Central, em Porto Alegre, até que conseguiram o direito de aguardar seu julgamento em liberdade.

Além deles, também irão a julgamento Argemiro Rodrigues e Elenir Nunes (atingida por um tiro no abdômen disparado pelo PM). OPM Lopes foi morto com um golpe de foice no confronto em que outras 72 pessoas ficaram feridas.

Nove ônibus com quase 400 colonos chegaram à Porto Alegre por volta das seis horas. No início da manhã, eles haviam ocupado a Praça da Matriz, centro político da capital gaúcha. A área foi cercada por policiais militares, que atacaram os colonos com bombas, baionetas caladas e carga de cavalaria. Os colonos se refugiaram na Prefeitura, que ficou sitiada pela Brigada Militar por quase doze horas até que um acordo do prefeito Olívio Dutra com o então Governador Sinval Guazzelli (PMDB) possibilitasse a transferência dos colonos para o Centro Estadual de Treinamento Esportivo. Lá, foi armado pela polícia o esquema que apontou os supostos envolvidos na morte do PM.

GREEN PRESS

Cerca de mil jornalistas de todo o mundo estão reunidos em Belo Horizonte no Green Press - Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento. São cinco dias (20 a 24) de conferências e painéis de 68 jornalistas, sindicalistas, ambientalistas, cientistas e empresários.

Na Sessão Plenária que encerrará o encontro será aprovada a "Carta de Belo Horizonte", um documento que pretende lançar as bases de um código de ética e de uma agência internacional para a cobertura dos temas ambientais.

O Green Press (Imprensa Verde) é uma promoção da Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ), da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

ANA RITA ARAÚJO

CRISE, LA' COMO CA', TRABALHADOR BANCA E BANQUEIRO LUCRA!

**BANCOS**

Incomodando os tubarões

Bancários da CUT propõem controle democrático da sociedade sobre o lucrativo sistema financeiro

Os banqueiros se defenderam bem da recessão do ano passado: o lucro líquido de dez dos maiores bancos privados brasileiros aumentou 25% em termos reais, em 1991, sobre o ano anterior (dados do Dieese/Sese/Seeb/SP), com redução de 8,4% nas despesas de pessoal e de 15,4% no número de funcionários.

Não foi um fato isolado. Segundo o IBGE (Anuário Estatístico do Brasil, 1991), a participação das instituições financeiras no PIB saltou de 7,8% em 1980 para 11,1% em 1990, tendo atingido percentuais ainda mais elevados em alguns anos.

O crescimento do setor neste mesmo período foi de 28,2% reais, contra apenas 16,5% do PIB em seu conjunto e apenas 3,84% da indústria. Em troca, o crédito oferecido pelo sistema financeiro vem encolhendo sistematicamente. O total de empréstimos ao setor privado deve estar hoje em torno de 12% do PIB, muito abaixo dos 40% de dez anos atrás. Tomando-se dezembro de 1988 como base (= 100%), o volume de crédito ao setor privado caiu para 91% no ano seguinte e para 68,4% em dezembro de 1990.

Estes números ilustram a conhecida crítica de que os bancos brasileiros têm conseguido se apropriar de uma parcela crescente da renda nacional, enquanto exercem cada vez menos a sua função mais específica, ou seja, financiar a produção e o investimento. O que se passa no sistema financeiro é uma caixa preta para a maioria dos cidadãos e para as organizações da sociedade civil. Isso não apenas pelas dificuldades naturais de entendimento do tema para quem não é especialista, mas principalmente porque são muito frágeis os instrumentos de controle sobre as instituições financeiras e sobre as autarquias públicas de regulação, caso do Banco Central do Brasil e da Comissão de Valores Mobiliários.

Ao mesmo tempo, os bancos públicos vêm sendo atacados duramente pela ofensiva liberal, com o objetivo de liquidá-los ou de reduzir sua atuação, tudo dentro do objetivo mais geral de entregar a economia ao "livre jogo das forças de mercado". E a defesa destes bancos esbarra muitas vezes na sua utilização como instrumento de negociações escandalosas e de transferência sistemática de recursos públicos para o setor privado. Enquanto isso, procura-se passar a idéia de liberalização completa da atividade dos bancos estrangeiros no país, como se qualquer controle sobre

o capital externo fosse apenas saudosismo e atraso.

ALTERNATIVAS. Estas são as principais questões que precisam ser abordadas pela Lei Complementar que irá regularizar o artigo 192 da Constituição de 1988, a ser votada no Congresso. Para interferir neste processo, o então DNB/CUT, hoje Confederação Nacional dos Bancários, vinculada à CUT, discutiu largamente estes problemas e elaborou um pré-projeto expressando os pontos de vista do sindicalismo bancário cutista.

O que se pretende: introduzir na Lei Complementar dispositivos que aumentem o controle democrático da sociedade sobre o sistema financeiro, incluindo-se aí os órgãos de regulação (BCB, CVM) e também os bancos públicos, ao lado da defesa do papel econômico e social destes últimos; garantir a possibilidade de utilização do crédito obrigatório e direcionado para atender às necessi-



BARROCO

dades do desenvolvimento econômico e social; impor limites à ação predatória do capital bancário privado, nacional e estrangeiro, colocando a este último a exigência de que traga efetivamente recursos externos se quiser atuar no país.

O projeto da CNB/CUT tem sido bastante discutido, em vários pontos do país, havendo cópias impressas para quem se interessar. Foi também exposto em mais de uma oportunidade na Comissão Especial do Congresso e também num seminário internacional realizado na USP em fevereiro. E tem pautado a atividade da bancada do PT nas articulações em curso no Congresso.

CONTROLE. Dentre os temas mais polêmicos, encontra-se a oposição à chamada "autonomia" do Banco Central. Da forma como entendem os liberais, esta proposta significa entregar a gestão da moeda, do crédito e do câmbio a um grupo de técnicos, fora do controle da sociedade. O viés anti-democrático é evidente: separa-se o território da política, dominado pela

"irresponsabilidade" e pela "impossibilidade" de se compreender o que é "necessário", do terreno da técnica, onde homens "sábios" são capazes de implementar o que é "certo" e "racional", já que conhecem a doutrina e não se deixam contaminar pelas mazelas "políticas" da sociedade.

A experiência histórica dos países capitalistas mostra que não existe este distanciamento "técnico" na gestão dos bancos centrais. Basta lembrar o caso recente da Alemanha, em que de nada valeu a oposição do BC independente diante da decisão política de reunificar o país a qualquer custo. A última palavra cabe sempre aos interesses políticos, e é bom que seja assim. O que se deve questionar é qual é o interesse que se farão representar na atividade do BC e quais os mecanismos que irão equacionar esta disputa, evitando-se que sua atuação seja paralisada pelos conflitos de interesses, mas também colocando limites à ação arbitrária a que estará sempre tentada a direção de um organismo público que concen-

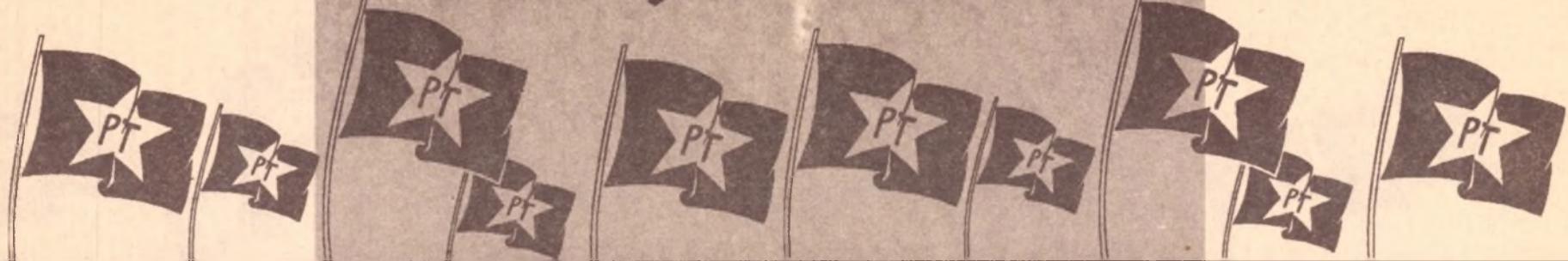
tra tantos poderes como o BC.

Nesse sentido, a proposta da CNB/CUT é submeter a ação do BC aos ditames de uma Lei Anual, proposta pelo Executivo e discutida, emendada e aprovada pelo Congresso. Desde a proposta enviada pelo Executivo ao Congresso, a Lei Anual deve versar obrigatoriamente sobre: destinações obrigatórias de crédito para setores prioritários, com ou sem tetos de juros, atingindo todos os bancos em atuação no país; prioridades para os bancos federais; atuação do BC na área cambial e metas para as reservas; limites e garantias a serem exigidas pelo BC nas operações de assistência de liquidez aos bancos, públicos ou privados; atuação das instituições estrangeiras no país.

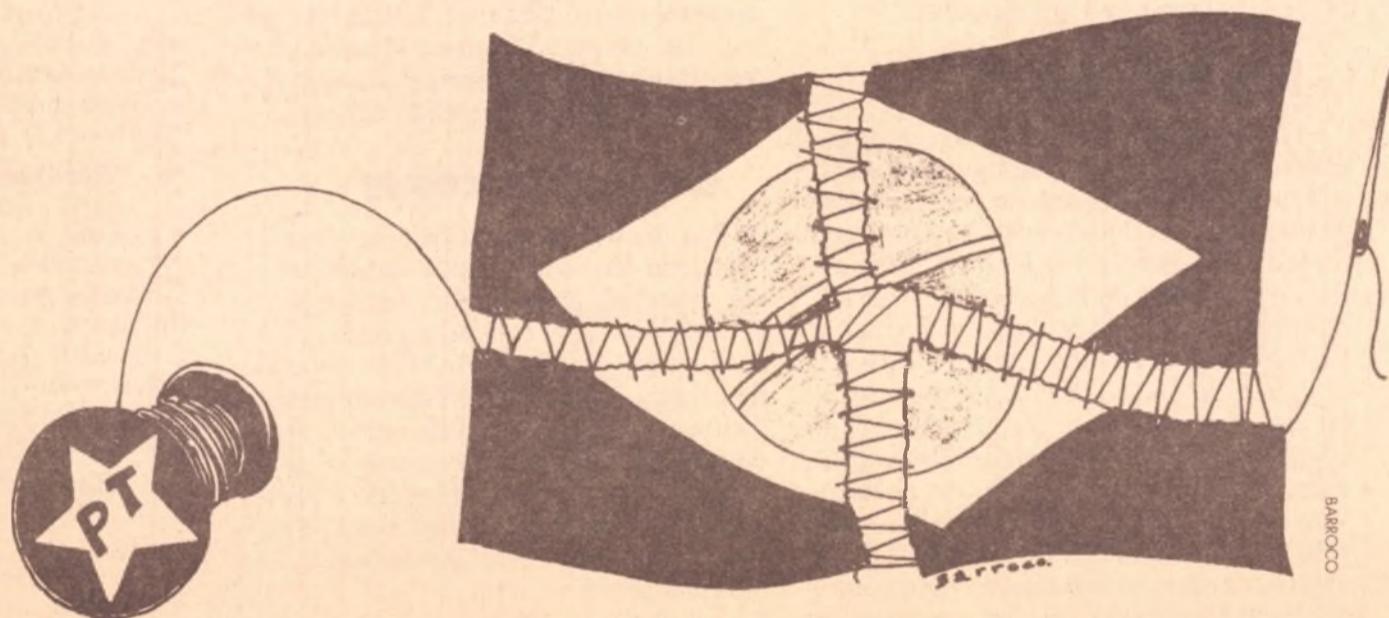
Ao fixar orientações gerais sobre estes itens, a Lei Anual estará refletindo a correlação de forças políticas representada no Congresso e estabelecendo parâmetros pelos quais a sociedade e os poderes da República poderão analisar e julgar a ação do Banco Central.

CARLOS EDUARDO CARVALHO

ELEIÇÕES 92



UNIR PARA VENCER



O QUADRO DE COLIGAÇÕES ESTÁ SE DEFININDO.

NAS CAPITAIS, COMEÇAM A DECIDIR-SE OS RESULTADOS DE 1994.

As eleições municipais deste ano agitarão de vez o clima político do país. Pela primeira vez haverá segundo turno nos colégios eleitorais com mais de 200 mil eleitores, desde que nenhum dos candidatos obtenha a maioria absoluta dos votos válidos. Por enquanto, as campanhas ainda não chegaram a sensibilizar o eleitorado. Em muitos locais observa-se até agora uma apatia generalizada da grande massa com relação ao pleito, especialmente em se tratando dos candidatos a vereador.

Neste caderno especial, apresentamos um quadro da atual situação eleitoral nas 26 capitais dos estados. Somadas, elas reúnem cerca de 38 milhões de habitantes e mais de 20 milhões de eleitores.

Nos grandes municípios, as candidaturas de esquerda têm sido tradicionalmente bem votadas e, em alguns casos, vitoriosas. Desta vez, as chances também são grandes. Porém, os embates contra as oligarquias, o conservadorismo, os abusos do poder econômico e a indústria da fraude deverão ser ainda maiores. Lembremos que estas eleições se revestem de um caráter de prévia eleitoral daquelas que ocorrerão em 1994.

Por outro lado, o processo de formação das alianças partidárias caminha com diferentes ritmos e perfis, prevalecendo em certos casos o sectarismo ou os interesses meramente eleitorais, em detrimento da aliança dos setores democráticos e populares.

Para elaborar este primeiro levantamento da situação eleitoral nas capitais, partimos de informações fornecidas pelos diretórios regionais e municipais do PT. A situação ainda está bastante indefinida, em processo de gestação. Logo, algumas informações apresentadas estão sujeitas a alterações segundo a evolução política local, principalmente das negociações em torno do arco de coligações.

Nas próximas páginas, o leitor terá contato com as capitais onde as forças populares têm grandes chances de vitória (página 10); com aquelas onde a vitória possível depende principalmente da definição do quadro eleitoral (página 11); e com aquelas situações em que a militância popular terá que se desdobrar para conseguir vencer.

Brasil Agora voltará ao assunto nas próximas edições, tratando de mostrar o quadro eleitoral no interior dos estados.

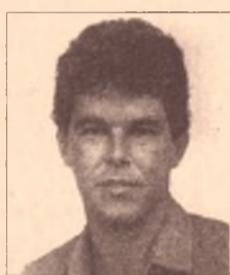
ELEIÇÕES 92



GRANDES CHANCES

A CONSTELAÇÃO VAI SE AMPLIAR

A ESQUERDA PODE AMPLIAR PARA PELO MENOS DEZ AS CAPITAIS QUE GOVERNA



JORGE VIANA



HUGO SOUZA

BENEDITA DA SILVA



PATRUS ANANIAS



JOSÉ GUEDES



ADRIANO LEAL

BETH AZIZE



SERGIO GRANDE

Nas próximas eleições municipais, os partidos progressistas têm possibilidades reais de aumentar para pelo menos dez o número de capitais que governam. Além de São Paulo, Vitória e Porto Alegre, as candidaturas populares podem sair vencedoras em Belo Horizonte, Goiânia, Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Rio de Janeiro e Florianópolis.

RIO BRANCO

Na capital do estado do Acre, o engenheiro Jorge Viana, ex-deputado estadual (PT) e candidato ao governo em 1990, lidera as pesquisas de intenção de voto com mais de 32%, seguido de longe pelo candidato do PMDB, com 14% e do PDS, com 4% das preferências. Na pesquisa estimulada, Viana sobe para 41% das intenções de voto. O eleitorado de Rio Branco promete rejeitar nas urnas as administrações, municipal e estadual, do PDS, referendando as candidaturas populares. A candidatura de Jorge Viana é apoiada por uma aliança formada pelo PSDB, PDT, PPS, PV, PCdoB e PT. Para vice foi escolhida a vereadora Regina Lino, do PSDB. Em Rio Branco, com menos de 120 mil eleitores, não haverá segundo turno.

Um dado que reforça ainda mais a candidatura de Jorge Viana é o fato de Marina Silva (PT) ter recebido 12% das intenções de voto sem ser candidata. Marina é deputada estadual e está de licença médica há oito meses. Ela foi a mais votada do estado tanto para vereadora como para deputada e teve a segunda melhor performance na assembleia, entre todos os parlamentares.

GOIÂNIA

Com 960 mil habitantes e 473 mil eleitores, Goiânia terá segundo turno nas eleições caso nenhum dos candidatos alcance mais do que 50% dos votos válidos. A coligação goianense chamada "É União. É Vitória", formada pelo PSDB, PCdoB, PMN, PPS e PT, sai na frente com seus candidatos: o professor de filosofia e deputado estadual Darci Accorsi, para prefeito, e o odontólogo Jovair Arantes, deputado estadual (PSDB), para vice. Darci Accorsi (PT) lidera todas as pesquisas de intenção de voto. Vale lembrar que, nas eleições municipais de 1985, a candidatura Darci Accorsi só foi derrotada graças a uma fraude eleitoral. Na capital goiana, a extrema-direita ainda não se definiu. O PMDB, adversário principal da coligação progressista, aparece bem colocado com o pré-candidato Sandro Mabel, porém o chefe do PMDB, governador Iris Resende, ainda não escondeu o candidato de seu partido.

RIO DE JANEIRO

No Rio, a tendência da esquerda é unir-se em torno da candidatura da deputada federal Benedita da Silva (PT), até agora apoiada apenas pela coligação PT/PSB. Ainda não está definida a participação do PCdoB e PPS, mas é provável que a coligação seja formada também por estes partidos. O candidato a vice deve sair de um dos

partidos que coligaram com o PT. Benedita da Silva tem um perfil político - mulher, negra, favelada, carismática - que permite penetrar na base social do PDT e ser alternativa a uma candidatura brizolista. Embora o PDT não tenha definido seu candidato, a deputada federal Cidinha Campos lidera as pesquisas de intenção de voto. Caso se efetive sua candidatura, a radialista promete ser um páreo duro e o Rio poderá ter duas mulheres disputando palmo a palmo as preferências do eleitorado carioca.

BELO HORIZONTE

Na capital mineira, está se tentando constituir uma coligação de esquerda, que até agora tem garantida a participação do PCdoB e do PT. A coligação poderá contar ainda com o PC, PV, PSB e PPS, a depender das discussões em curso. Depende também da formação da frente as chances eleitorais da esquerda em Belo Horizonte. A frente partidária escolheu o advogado e professor Patrus Ananias, vereador pelo PT, ficando em aberto a candidatura a vice, a ser definida proximamente.

PORTO VELHO

Uma frente partidária formada pelo PSDB, PMDB e PT, lançou o ex-prefeito José Guedes (PSDB) candidato à prefeitura de Porto Velho. Guedes lidera as pesquisas de intenção de voto na capital de Rondônia e deve subir mais quando a campanha ganhar as ruas. Em segundo lugar vem o PFL, seguido do PDT e PSB, nenhum deles apoiado pelos atuais prefeito e governador.

MANAUS

Na capital amazonense, a coligação partidária formada pelo PDT, PT, PSB, PCdoB e PPS escolheu para disputar a prefeitura de Manaus a deputada federal Bete Azize (PDT). Nesta coligação ainda podem entrar o PMN, PST e PSdoB. Bete Azize aparece em terceiro lugar nas pesquisas e tem grandes chances de crescer na preferência do eleitorado durante a campanha motivada pela unidade dos partidos na coligação em torno da candidatura escolhida. Por outro lado, a direita está dividida, desacreditada e tem candidatos fracos na disputa. Hidelberto Dias (PSB), advogado, é o candidato a vice.

FLORIANÓPOLIS

O deputado estadual Sérgio Grando (PPS) é o candidato da Frente Popular. O vice da chapa é o vereador Vitor Schmidt (PT). A Frente Popular é composta pelo PPS, PT, PC, PSB, PV, MSR e PSDB. Sérgio Grando lidera as pesquisas de intenção de voto. Na capital catarinense - 254 mil habitantes e 168 mil eleitores - não haverá segundo turno. O PSDB foi o último a entrar na Frente Popular, deixando o chamado "bloquinho", composto pelo PDT e PCdoB. Parte do PDT está apoiando a Frente Popular, enquanto o PCdoB tende a se coligar com o PMDB.

PT/BRASIL

UMA DISPUTA NACIONAL

ACRE

O estado possui 22 municípios. OPT concorre com candidaturas majoritárias em 15 deles. Além da capital, desde já há chances de vencer em Xapuri, Quinari e Tarauacá.

AMAZONAS

O PT participa das eleições em 34 municípios. O Partido deve eleger vereadores em grande número de municípios, especialmente nos quatro principais colégios eleitorais do estado: Itacoatiara, Maués, Manacapuru e Parintins.

SANTA CATARINA

O PT deve concorrer às eleições em 170 municípios. Além da capital, desde agora espera vencer em três outros importantes municípios: Criciúma, Xanxerê e Rio do Sul. Nos pequenos municípios, conta-se com a vitória em Ipumirim, Xavantina, Coronel Freitas, União do Oeste, Quilombo, São Lourenço do Oeste, Guaraciaba, Campo Erê, Otacílio Costa, Cocal do Sul, Vitor Meirelles, Santa Terezinha, Seara, Modelo, Águas Frias, Itapiranga, Laguna, Gaspar, Capinzal, Seara, Coronel Freitas, Rosângela, Iraceminha, São Carlos e Saudades.

PARANÁ

O PT participa do processo eleitoral em 160 municípios, cerca de metade do total. De saída, o PT tem chances de vitória em Cascavel, com Ernani Pudell (deputado estadual); em Medianeira, com Luiz Yoshi Suzuki (suplente de deputado estadual); em Dois Vizinhos, com Ovídio Constantino (deputado estadual); e em Londrina, terceira maior cidade do sul do país e a segunda do estado. Em Londrina, o candidato petista é Luiz Eduardo Cheida (vereador).

RIO GRANDE DO SUL

Além de Porto Alegre, o PT também é favorito em Ronda Alta e Severiano de Almeida, cidades já administradas pelo Partido. Em Bagé, na fronteira sul do país, o candidato petista lidera as pesquisas. Em Santa Maria o PT lidera uma coligação que promete derubar o "império" de vários anos do PDS local.

QUADRO INDEFINIDO

DISPUTANDO POSIÇÕES

**EM SETE
CAPITAIS,
CANDIDATOS
POPULARES VÃO
SURPREENDER
NA CAMPANHA.**

**ZÉ CARLOS****ZECA****DR. ROSINHA****CHICO LOPES**

Aracaju, Belém, Campo Grande, Curitiba, João Pessoa, Recife e São Luís são capitais onde as chances de vitória dos partidos progressistas estão vinculadas a uma maior definição do quadro eleitoral.

BELÉM

Na capital paraense o desgaste dos políticos tradicionais aponta o PSDB como alternativa do eleitorado conservador. A escolha dos tucanos está entre Nelson Chaves e o senador Almir Gabriel. Porém, o senador paraense ainda não se definiu. Depende do candidato do PSD a definição do quadro eleitoral em Belém. Por outro lado, o PT decidiu lançar o deputado estadual José Carlos Lima para disputar a prefeitura belenense. Para vice será escolhido um nome que possibilite a ampliação do eleitorado potencial de Zé Carlos, forte no meio sindical.

CAMPO GRANDE

A coligação de esquerda é formada pelo PT, PPS, PSB, PCdoB e PV, em torno da candidatura do deputado estadual José Orcílio Miranda Santos, bancário, mais conhecido como Zeca do PT. Nas pesquisas de intenção de voto, Zeca do PT aparece em terceiro lugar, sem que a campanha eleitoral tenha sido iniciada. Existem grandes chances desta candidatura chegar ao segundo turno para enfrentar, muito provavelmente, Juvêncio Cesar da Fonseca, candidato do PMDB, que é apoiado por Pedro Pedrosian, governador pela terceira vez, e que é do PTB.

São Luís

A frente formada pelo PSB, PT, PPS e PCdoB apresentou a candidatura da ex-deputada Conceição Andrade (PSB), para prefeita, e do deputado estadual Domingos Dutra (PT), como vice, para disputar a prefeitura de São Luís. O PDT, do prefeito Jackson Lago, está mais propenso a compor com forças políticas comprometidas com o poder econômico do estado. Uma vez consolidada a aliança partidária, são grandes as chances da esquerda nessas eleições. Os partidos dos políticos tradicionais (PDC, PSD, PMDB) no estado ainda não se definiram.

CURITIBA

Apesar da badalação existente em torno da gestão do prefeito de Curitiba, Jaime Lerner (PDT), existem muitos pontos vulneráveis em sua administração. Arrocho salarial dos funcionários públicos, privatização dos serviços públicos, autoritarismo, dívida social (em Curitiba, mais de 60% da população não tem rede de esgoto), o tratamento dado pelo prefeito ao movimento de moradias. PC, PV,

PCdoB, PSB, PT e PPS discutem a formação de uma coligação para disputar as eleições em Curitiba. O PT escolheu o médico Florisvaldo Fier, mais conhecido por Dr. Rosinha, como candidato a prefeito. Na capital paranaense, a direita está desorganizada e o PDT ainda não se definiu entre os seus sete pré-candidatos.

RECIFE

Na capital pernambucana, o Fórum de Mobilização de Recife (FMR) vem há alguns meses centralizando o debate em torno das candidaturas populares. Fazem parte do Fórum o PT, PPS, PV e - até recentemente - o PSDB. Desde sua origem, o Fórum tem sido uma resposta ao caciquismo e hoje se constitui numa força política alternativa. Humberto Costa, deputado estadual mais votado em Recife nas eleições de 1990, é o nome escolhido pelo PT para disputar a prefeitura. Mas sua candidatura depende das negociações no Fórum, onde o PPS apresentou o nome do deputado Roberto Freire. Embora a coligação desenhada até o momento tenha grandes possibilidades, o voto dos recifenses será disputado também pela candidatura de Jarbas Vasconcelos, do PMDB, até o momento o preferido nas pesquisas de intenção de voto. Existe outra frente - chamada de Unidade Popular e liderada por Miguel Arraes (PSB) - de que participam também o PDT e o PCdoB. Esta frente ainda não definiu sua candidatura, que depende da evolução do quadro eleitoral em Recife.

JOÃO PESSOA

Em João Pessoa, está em processo de formação uma coligação composta provavelmente pelo PCdoB, PPS, PT e PSB. O PT lançou a candidatura do professor Chico Lopes, deputado estadual, e a vice deve ser discutida com a frente partidária. As chances da coligação dependem da definição das candidaturas dos partidos vinculados aos políticos tradicionais na capital paraibana. O PT, sem se lançar em campanha, aparece bem colocado, levando-se em conta o número de possíveis candidatos que aparecem nas pesquisas.

ARACAJU

Na capital sergipana, PSB, PCdoB, PV e PT fizeram uma coligação e lançaram a candidatura de Ismael Silva Santos, engenheiro e deputado estadual (PT) e engenheiro. O candidato a vice ainda não foi escolhido pela frente. As chances da coligação dependem em parte da definição de como a direita irá se apresentar, com quantos candidatos e o potencial de cada uma dessas candidaturas.

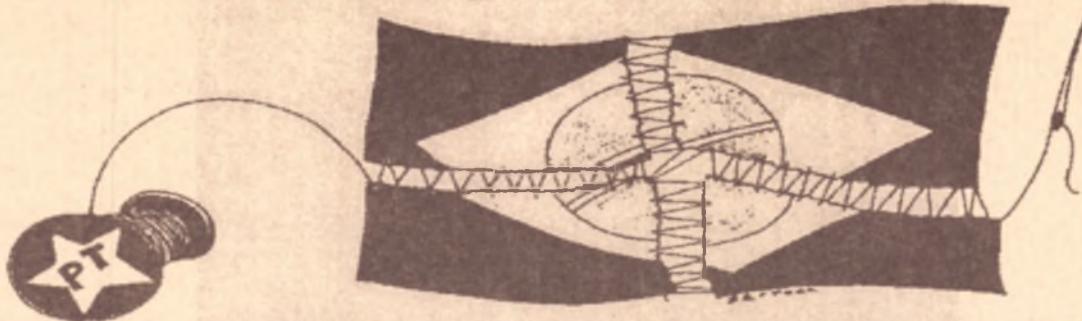
PT NO GOVERNO

CHANCES DE UM BIS

Em Porto Alegre existe um sério problema. A oposição não consegue baixar os índices de aprovação ao governo de Olívio Dutra e muito menos os mais de 35% das intenções de voto do eleitorado em favor do candidato da coligação de esquerda, o atual vice-prefeito, pelo PT, Tarso Genro. Em segundo lugar vem o candidato do PDT, com menos de 20% e que num segundo turno se somaria à coligação de esquerda. PTB, PDS e PMDB dão cabeçadas contra a parede. O PSB apóia a administração do PT e está na coligação, o PCdoB apóia o PMDB, que deve sair com o ex-governador Sinval Guazolli. Compondo a chapa porto-alegrense, para vice, foi escolhido o deputado federal Raul Pont.

Na capital paulista, o escolhido é Eduardo Matarazzo Suplicy, economista e senador pelo PT. A candidatura a vice na chapa da coligação formada pelo PCdoB, PC, PPS e PT deverá ser escolhida até junho. A administração democrática e popular tem sido um sapo na garganta dos partidos de oposição. Luiza Erundina tem sido excrada por ter invertido as prioridades sociais, colocando a educação, saúde, transporte e moradia em primeiro plano. A direita se organiza em torno de Maluf, pelo PDS, e possivelmente Sílvio Santos, pelo PFL. Apesar de Maluf estar disparado na frente nas pesquisas de intenção de voto, ainda é cedo para considerá-lo favorito, tanto é que ele próprio não se diz candidato para não desgastar tão cedo sua imagem bastante vulnerável. Já Suplicy sobe nas pesquisas - 19% na pesquisa do Datafolha de 24 de abril - e está empata com Mário Covas, do PSD, que ainda não definiu quem será seu candidato - Covas o preferido das bases, recusa-se ao sacrifício. Resta saber o impacto da greve dos ônibus sobre a candidatura Suplicy (ver matéria na página 4).

Na capital capixaba, Vitória, administrada por Vitor Buaiz, foi escolhido para disputar a prefeitura o deputado estadual João Carlos Coser (PT), sendo que o candidato a vice está por ser definido com a aliança partidária - PSB, PPS, PCdoB, PDT -, ainda em formação. Em pesquisa de intenção de voto realizada pelo jornal A Gazeta, o PT aparece em primeiro lugar e o PMDB em segundo. As candidaturas da direita ainda não foram anunciadas.



DIFÍCIL MAS POSSÍVEL

OLHA AÍ AS ZEBRAS

**EM VÁRIAS
CAPITAIS, O
QUADRO
APRESENTA
DIFICULDADES.
MAS QUEM SE
ESQUECEU DAS
VIRADAS DE 88?**



**GERACINA
AGUIAR**

Em algumas das 26 capitais estaduais, o quadro eleitoral apresenta-se com obstáculos extras, além daqueles já colocados para uma candidatura de esquerda - poder econômico, fraudes, combate ideológico. Para algumas campanhas, é preciso muito mais garra para superar os desafios colocados pela insuficiente organização dos partidos populares e pela necessidade de reverter a suposta preferência do eleitorado divulgada pelos institutos de pesquisas.

MACAPÁ

Na capital do Amapá, a coligação progressista está formada pelo PSB, PT e PDT. O candidato a prefeito é o deputado estadual Geraldo Rocha (PSB) e o vice é Antônio Ildegaro Alencar (PT), odontólogo. A coligação disputará as eleições com o candidato do PMDB, apoiado por José Sarney, que se elegeu senador pelo Amapá em 1990 e com o candidato que foi apoiado pelo atual governador do estado, que deverá sair de um leque de partidos que reúne o PFL, PL, PDS, PSD, PTB e PRN. O candidato da coligação progressista é apoiado pelo atual prefeito, João Alberto Capibaribe (PSB). O PSDB deve sair com candi-

dato próprio, ou se coligar como PMDB.

CUIABÁ

Formou-se uma coligação que deverá reunir o PT, PPS, PSB, PCdoB e PV. O candidato proposto é Luis Estevão Scalop, promotor público, ex-candidato a governador pelo PT. O PSDB, PDT, PSDB, PFL, PMDB e outros devem lançar candidatos, separadamente ou coligados. A candidatura do PSDB, tudo indica, será a de Roberto França.

BOA VISTA

Na capital do estado de Roraima, PT, PCdoB, PSB, PPS e PV formaram uma coligação. O candidato proposto para a coligação é o contabilista, ex-candidato a senador pelo PT em 1990, Clidenor Andrade. Por outro lado, o PFL - que governa atualmente Boa Vista - PTB, PSDB, PDT, PMDB devem lançar candidatos, estando indefinidas as coligações.

TERESINA

Do ponto de vista da esquerda, o quadro eleitoral em Teresina apresenta-se bastante complexo. PV, PSB e PPS se articulam em torno de uma candidatura comum. O PCdoB apóia o candidato do PSDB, Wall Ferraz, que lidera as pesqui-

sa de intenção de voto com 55%. Outra candidatura forte é de Alberto Silva (PMDB), apoiado por Quêrcia, PFL, PDS e PDT, apoiados pelo governador e pelo prefeito, lançam Arcelino Ribeiro. O PT lança Antônio José Medeiros, seu único vereador, para prefeito e Merlong Solano Nogueira como vice.

SALVADOR

Na capital baiana, a maior dificuldade no momento está na pulverização das candidaturas populares. Até o fechamento desta edição, as gestões tendem com objetivo a formação de uma frente de esquerda estavam ainda em uma fase inicial. Enquanto isso, os vários partidos lançam seus candidatos. O PSDB indicou Lídice da Mata, o PDT apresentou Sérgio Galdense. Já o PPS sai com Bete Wagner e o PCdoB com Haroldo Lima. O PT lançou Geracina Aguiar, atual vereadora, escolhida em prévia eleitoral que reuniu 1.210 filiados. Geracina teve 58% dos votos e Edval Passos, 42%. O PSB não lançou candidato à prefeitura. O PMDB, PSDB, PDC, PFL estão adiando o quanto podem a definição de candidatos. Tudo indica que o posicionamento do governador Antônio Carlos Magalhães determinará os rumos do quadro eleitoral, pelo menos do lado da direita.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO(1)	ELETORES(2)	PREFEITO ATUAL		CANDIDATURAS DO CAMPO POPULAR		
			NOME	PARTIDO	NOME	PARTIDO	COLIGAÇÃO POSSÍVEL
Boa Vista	126.742	60.746	Barac Bento	PFL	Clidenor Andrade	PT	PT, PCdoB, PSB, PPS, PV
Manaus	1.009.774	482.005	Arthur Virgílio Neto	PSDB	Bete Azize	PDT	PDT, PT, PSB, PCdoB, PPS, PMN, PST, PCdoB (4)
Belém	1.238.896	597.177	Manoel Rezende	PTB	José Carlos Lima	PT	Não coliga
São Luís	700.412	332.666	Jackson Lago	PDT	Conceição Andrade	PSB	PSB, PT, PPS, PCdoB
Teresina	596.191	260.015	Heráclito Fortes	PMDB	Sem definição	PPS, PSB, PV	Não coliga
Fortaleza	1.671.907	889.863	Juraci Magalhães	PMDB	Antonio José de Medeiros	PT	Não coliga
Natal	606.556	294.865	Vilma Faria Maia	PDT	Lúcio Ancântara	PDT	PDT, PCdoB, PSB
João Pessoa	496.477	237.680	Carlos Pinto Mangueira	PDS	Não definido	PT	Indefinida
Aracaju	401.010	215.827	Wellington Paixão	PSDB	Manoel Junior Souto	PT	PCdoB, PPS, PSB
Maceió	620.173	280.829	Chico Lopes	PSC	Ismael Silva Santos	PT	PT, PV, PSB, PCdoB
Recife	1.300.000(3)	767.781	João Alberto Capibaribe	PFL	Definição em 23 de maio	PT, PSB, PMN	
Porto Velho	286.400	130.000(3)	Gilberto Marques	PTB	Humberto Costa ou Roberto Freire	PT ou PPS	PT, PPS, PV
Rio Branco	198.001	120.000 (3)	Francisco Erse	PDS	José Guedes	PSDB	PSDB, PMDB, PT (4)
Macapá	178.102	87.184	Jorge Kalume	PSB	Jorge Viana	PT	PT, PSDB, PDT, PPS, PV, PCdoB
Salvador	2.056.013	1.018.229	João Alberto Capibaribe	PCdoB	Geraldo Rocha	PSB	PSB, PT, PDT
Porto Alegre	850.002	473.764	Fernando José Rocha	PMDB	Geracina Aguiar	PT	PT, PSB, PCdoB, PPS
Florianópolis	253.991	168.442	Olívio Dutra	PFL	Lídice da Mata	PSDB	PSB, PCdoB, PV, PPS, PT
Curitiba	839.244	473.764	Bulcão Viana	PDT	Tarso Genro	PPS	PPS, PT, PC, PSB, PV, MSR e PSDB (4)
São Paulo	6.057.553	3.772.709	Jaime Lerner	PT	Sergio Grando	PSB	PPS, PT, PC, PSB, PV, PPS, PT
Rio de Janeiro	5.487.346	3.250.000	Luiza Erundina	PDS	Florisvaldo Fier	PT	PT, PSB, PC, PCdoB
Vitória	256.090	162.739	Marcelo Alencar	PDT	Eduardo M. Suplicy	PT	PT, PSB, PC, PCdoB
Belo Horizonte	2.048.861	1.272.721	Vitor Buaiz	PSDB	Benedita da Silva	PT	PT, PSB, PC, PPS
Goiânia	968.766	473.764	Eduardo Azeredo	PSC	Patrus Ananias	PT	PT, PSB, PC, PCdoB e PDT
Palmas	24.259	15.000(3)	Nion Albemarle	PSDB	José Carlos Coser	PT	PT, PCdoB, PV, PC, PSB, PPS
Cuiabá	403.292	207.000	Fenelon Sales	PFL	Darci Accosi	PT	PT, PSDB, PCdoB, PSB, PMN, PV (4)
Campo Grande	519.263	279.001	Frederico Campos	PFL	Luis Estevão Scalop	PT	PT, PPS, PSB, PCdoB, PV
			Lúdio Coelho	PTB	Zeca do PT	PT	PT, PPS, PSB, PCdoB, PV

(1) Censo de 1991 - (2) Dados de 1990 - (3) Estimativa - (4) Coligação definida

* Municípios com mais de 200 mil eleitores terão dois turnos.



AGENOR MARIANO/AF

D. Maria de Fátima, viúva de Edmundo Pinto, desmaia sobre o caixão durante o velório, no Tribunal de Justiça.

O GOVERNADOR ASSASSINADO

Viana fala de Edmundo

**Edmundo Pinto quis quebrar
o isolamento do Acre. Escolheu
o lobby como meio. E aí...**

Numa disputa acirrada, Edmundo Pinto venceu o petista Jorge Viana na eleição para governador do estado do Acre em 1990. Assassínado no último dia 17, em São Paulo, o governador Edmundo Pinto (PDS) foi definido por Jorge Viana como um político "idealista e determinado", que tentou quebrar o isolamento do Acre através dos lobbys de Brasília. Jorge é o candidato mais cotado para a prefeitura de Rio Branco. Numa pesquisa divulgada no início de maio, Jorge Viana aparece com 41,21% das intenções de voto. A entrevista é de Denise Carreira.

Como foi a relação com Edmundo Pinto durante a campanha para o governo do estado?

Muitas divergências no campo ideológico mas extremamente normal dentro de um quadro de disputa política acirrada. Comparada à eleição de Lula e Collor, a campanha para governador se deu no limite do respeito.

Edmundo Pinto já foi chamado de "Collor acreano". Eram muitas as semelhanças?

Depois da posse, o gover-

nador chegou a imitar várias atitudes do presidente. Até alguns problemas parecidos ele enfrentou, como a corrupção na administração pública, a crise econômica e a relação complicada com o vice. Apesar



Jorge Viana: "ele era um político determinado"

caram numa posição inferior em relação a Brasília, nunca exigindo os direitos de nossa população. Chegaram com o pires na mão, como os estados do Nordeste. Por outro lado o governo federal sempre colocou os números na frente, principalmente os votos. E nós somos um estado pequeno, de 450 mil habitantes. Nossa bancada em Brasília é de 8 deputados federais e 3 senadores, a maior parte votando sempre com o governo. O governo federal trata o Acre sem respeito, sem a atenção que esse povo tão lutador merecia.

A crise financeira aguda que levou o governo do estado a fazer empréstimo de banco para pagar o funcionalismo público e o assassinato de Edmundo Pinto podem levar à ingovernabilidade?

A partir de agora, o estado deve passar por momentos muitos difíceis. Nós temos a certeza de poder contribuir com propostas, sugestões e posições políticas. Uma das idéias é criar um fórum onde toda a sociedade organizada

possa discutir e apresentar propostas para enfrentarmos a crise.

O assassinato de Edmundo Pinto pode mudar o quadro eleitoral para a prefeitura?

Muda o quadro político do estado mas acredito que não chega a atingir a sucessão municipal.

No estado, a ameaça de morte não se restringe mais aos sindicalistas. Políticos do PDS e PMDB, desembargadores, delegados passaram a receber ameaças. A que se deve essa situação?

Isso expressa bem a instabilidade política que a sociedade vive e a importância de se pensar de forma conjunta um basta a essa violência. Para que a gente possa ter tranquilidade para viver e manter divergências e diferenças, mas tudo no campo da racionalidade, com o mínimo de decência e dignidade.

Você já foi ameaçado de morte?

Não, mas convivi sempre com a violência colocada para lideranças sindicais como o próprio Chico Mendes. Mas a partir de agora vou incorporar cuidados com a minha segurança e a da minha família. No PT, a gente está discutindo algumas medidas, talvez a presença de seguranças.

CHICAGANDO E ANDANDO

Não. Não se pode apurar as denúncias do irmão do presidente, porque elas iriam comprometer o próprio presidente. Como diz o ex-comunista Alberto Goldman, "o país não suportaria um Watergate". Então, nada de esclarecer a corrupção, a roubalheira e outras coisas que poderiam estar por trás, envolvendo, quem sabe (já que as denúncias não vêm a público, são escondidas, a gente pode supor o que quiser), tráfico de cocaína, contrabando ou sei lá o que mais. Não podemos apurar isso, porque causaria "instabilidade". É o direito de roubar instituído, mas só para os que roubam muito. E o presidente pode ficar tranquilo: nem só seus partidários tentarão impedir uma CPI que mostraria, por exemplo, que o dinheiro garfado por PC Farias pode ter saído, em parte, do dinheiro ilícito captado para a campanha do próprio Collor (aliás, todo mundo fala do roubo, mas não de quem foi roubado. Por quê? Porque os roubados não teriam uma explicação lógica de como tinham esse dinheiro, não é?). A própria oposição parece querer manter o governo intocado, ainda que sujo.

Mas, esse governo um dia acaba. E quem vem depois? O "sistema" já tem dois outros nomes para seu lugar: Quêrcia e ACM. Dois exemplos de mudança de 360 graus: ou seja, virar, virar e ficar no mesmo lugar. Quêrcia é um dos exemplos maiores de como uma "boa" administração pode dar lucro. De vereador proleta, virou uma das maiores fortunas do país. Um de seus homens de governo conseguiu um fato inédito: de tão corrupto é procurado pela polícia. Tem prisão decretada (nem nossa justiça cega conseguiu esconder o que via).

ACM tem algo mais que Quêrcia: a violência. Além de sua fortuna, conquistada por caminhos tortuosos e que inclui até micharias (é professor aposentado sem nunca ter dado uma aula), ele tem no seu currículo tanta violência que seu apelido na Bahia é Toninho Malvadeza. Ele colaborou com todos os governos da ditadura, e tirou proveito disso. E continua sendo homem do governo. Sai governo, entra governo, ACM continua com seus estranhos poderes.

Agora vem o assassinato de um governador, que segundo seu assessor de imprensa, iria contar tudo na CPI sobre outro ACM (Aquele Canal da Maternidade). Antes, teve um encontro com pessoas envolvidas na história, e dançou. E provavelmente vai ficar tudo por isso mesmo. Muita conversa, até tudo cair no esquecimento. Gangsters da velha Chicago morreriam de inveja!

Então, dá-lhe polícia! Pau nos saqueadores, que são os safados do Brasil, que não seguem os bons exemplos que vêm de cima. Pau nos pequenos ladrões também: ou cresçam ou desapareçam. Porque no Brasil, como em nenhum outro lugar, vale o velho ditado: "Os grandes ladrões enfatizam os pequenos".

MOUZAR BENEDITO

AS TRINCHEIRAS DO SONHO

Nenhum homem é estrangeiro é o romance autobiográfico de um jornalista americano, que nos fala de um lado desconhecido dos Estados Unidos: as lutas operárias, o movimento em defesa dos direitos civis, a imprensa sindical e socialista.

Livro de memórias e de aventuras, novela da cultura e da política de 68, e também uma história de amor, *As jovens damas vermelhas cada vez mais belas* é um romance sobre os que viveram quando era proibido proibir.



SCRITTA
Editora

Rua Dona Germaine Burchard, 286

05002 São Paulo SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT • OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155

Surpresas nos arquivos

A revelação de informações da repressão mostra colaboração de sindicato com o SNI

A repressão nos anos dedicados à ditadura volta a ser assunto. Os assassinatos de Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho são temas presentes na imprensa e no Congresso. Figuras truculentas, como o Capitão Ubirajara, aparecem em público. O comandante do II Exército na era Geisel dá entrevista à *Veja*, dizendo que era o "homem da lei", que veio para São Paulo para acabar com os abusos. Caetano Veloso conta na TV (programa *Jô Onze e Meia*) que quem o denunciou foi o radialista Randall Juliano. Outras pessoas apontadas como dedos-duros arrumam defensores na imprensa, como é o caso de Wilson Simonal. Ao mesmo tempo, surgem revelações de dedos-duros que se mantiveram nas sombras, como mostra nosso correspondente em Florianópolis, de onde vem também uma matéria para lembrar que a tortura não é coisa do passado: ela continua sendo praticada contra os presos comuns. *Brasil Agora* promete ir mais fundo na questão. Isto é só o início.

O colaboracionismo é uma vergonhosa revelação dos arquivos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina. Graças ao descuido dos amigos da ditadura, foram descobertas duas correspondências com o carimbo "Confidencial", enviadas pelo SNI ao jornalista Alírio Bossle (já falecido), com pedido de informações sobre as atividades de outros dois jornalistas. As respostas foram encaminhadas prontamente, uma no conturbado ano de 1968, quando Bossle era presidente do Sindicato, e outra em 1971, quando presidia a Casa do Jornalista.

Em carta com papel timbrado da Presidência da República, datada de 13 de agosto de 1968, o então chefe do SNI em Santa Catarina, general Álvaro Veiga Lima, solicitou a Bossle uma série de informações sobre "a vida funcional e particular" de Erasmo Prestes de Souza, colaborador do jornal de oposição *Tribuna do Povo*, editado no município de Xanxerê, no oeste do estado, e atualmente desativado. Em duas semanas o SNI recebia a resposta de seu "correspondente", conforme anotação no alto da folha. Erasmo não foi localizado pelo *Brasil Agora*, pois há

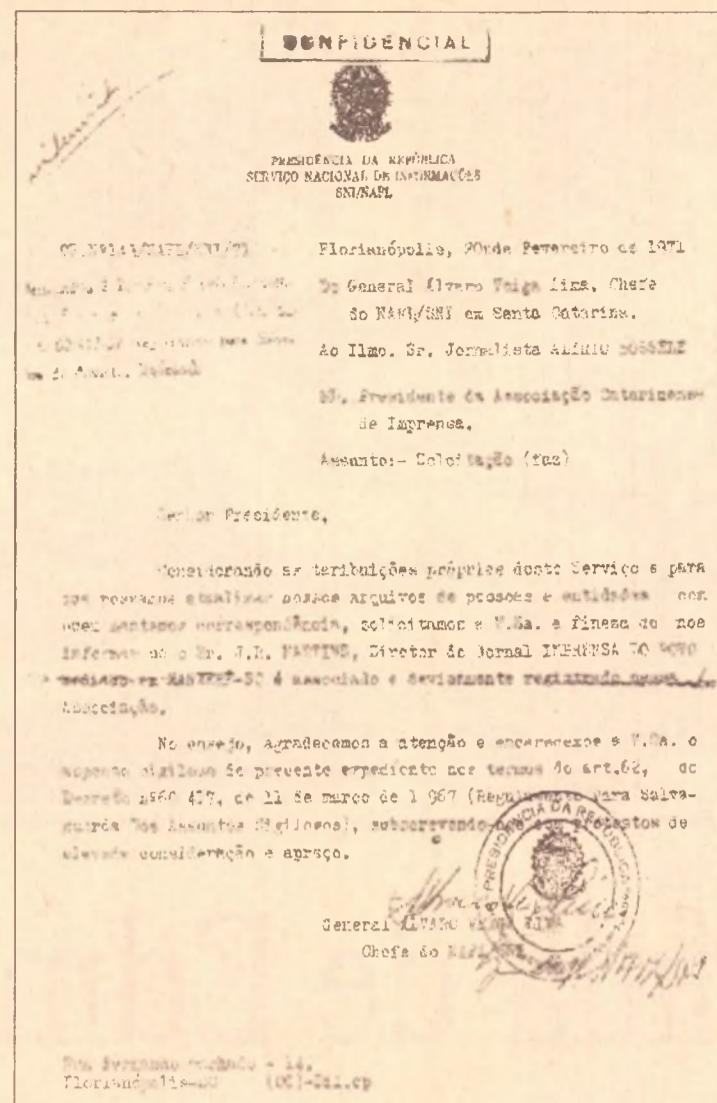
muitos anos deixou Xanxerê, segundo informações de quem o conheceu.

EM SIGILO. A outra correspondência enviada a Bossle pelo mesmo general é de 20 de fevereiro de 1971. Em um carimbo, chamava a atenção: "o destinatário é responsável pela manutenção do sigilo" do documento. O SNI, dessa vez, queria saber, para "atualizar" os arquivos de pessoas com quem mantinha "correspondência", se J. R. Martins era associado e devidamente registrado na entidade sindical. A carta menciona Martins como diretor do jornal *Imprensa do Povo*, na verdade chamado *Tribuna do Povo*. No alto do documento, a caneta, está um "providenciado", o que indica o cumprimento da tarefa, embora não esteja especificada a data. Martins também deixou a cidade há muitos anos.

Esses documentos foram encontrados em 1987. Nesse ano, o Movimento de Oposição Sindical (MOS) ganhou o Sindicato dos Jornalistas, hoje filiado à CUT. "Muita documentação não foi localizada e dá para supor que houvesse outras provas do comprometimento de diretores com o regime militar", lembrou Celso Vicenzi, presidente do Sindicato, agora na segunda gestão. Não faltam, nos arquivos, menções a jantares de confraternização com autoridades da época. Os governos pagavam a locação da Casa do Jornalista - onde funcionavam os sindicatos dos Jornalistas e Radialistas. Quando governava o estado, Esperidião Amin - hoje senador pelo PDS - também pagou o aluguel da Casa, no centro de Florianópolis. Antes de entregar o cargo, em 1987, deixou todo o ano quitado. Para isso, o governo desembolsou 360 mil cruzados, cerca de Cr\$ 128 milhões atualmente.

Com tanto atrelamento, não é por acaso que a Casa do Jornalista - da qual o Sindicato dos Jornalistas está afastado desde 1987 - ainda sustenta uma placa de agradecimento a Jorge Bornhausen, atual ministro de Collor e referência obrigatória a quem sustentava a ditadura.

CLÁUDIO SCHUSTER,
de Florianópolis



No fac-símile, pede-se a deduração



Sidney: "crime hediondo"

FÓRUM CONTRA IMPUNIDADE

Mais de 20 entidades e partidos políticos - entre eles o PT - formam o Fórum Permanente Contra a Impunidade no Campo e na Cidade, criado em abril de 1991, em Santa Catarina, justamente para iniciar a mobilização da sociedade civil contra os atentados aos direitos humanos. No início daquele ano, um caso apressou a organização do Fórum. Na investigação de um incêndio nos transmissores da Rádio Difusora, em Xanxerê - que suspendeu a transmissão das missas dominicais, marcadas por um discurso progressista -, o então Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), segundo denúncias, realizou prisões ilegais, mandou grampear os telefones do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e até da paróquia. Procurava uma vinculação política para o crime. O Deic também é acusado de seqüestrar e torturar dois menores e ainda Antônio Paulo Westerich, filiado ao PT, como suspeitos. A tónica dos interrogatórios era a militância política e sindical dos detidos. O alvo era, claramente o PT. Um ano depois, o Fórum ainda cobra das autoridades uma providência contra a tortura, presença viva, embora velada, da ditadura.

família não acredita. Há o laudo do IML para provar o contrário. No mesmo mês,

um porteiro do cinema São José, no centro de Florianópolis, sofreu espancamento e queimaduras com cigarros, numa das delegacias da cidade, enquanto Adão Platz, acusado de homicídio, era torturado nas dependências da Deic (Diretoria Estadual de Investigações Criminais).

"CRIME HEDIONDO". O secretário de Segurança Pública, Sidney Pacheco, deputado estadual pelo PFL, ex-coronel, ex-delegado de polícia por quinze anos, afirma que determinou a investigação de todos os casos pela Corregedoria da Polícia Civil, sobre a qual não impõe dúvidas: "Somos profissionais". Para ele, tortura "é crime hediondo". "Está na Constituição", lembra.

O coordenador da Deic, Maurício Noronha, disse que Platz "acabou confessando" a morte da modelo gaúcha Luana Ruschel, com estupro e overdose, "sem tortura". O delegado Elói de Azevedo diz que a OAB de Chapecó está fazendo "represália" porque um dos envolvidos numa ação policial na região é advogado. O comandante do 2º BPM, Osmar Pereira, não aceita a acusação. Esses são apenas alguns nomes. O relato mais fiel pode ser

dado pelo repórter Luciano Moraes Almeida, que viu fios de uma bateria ligado a Platz, sentado no chão e preso a um ferro que lhe passava pelo meio das pernas. Ele estranha a falta de mobilização da sociedade, "talvez porque, agora, os presos não sejam os políticos, mas os 'bagrinhos'".

"Sustento o que vi e ouvi. Até me comprometeria em fazer um teste da verdade. Estou disposto a isso, gostaria que os policiais também estivessem." Ele acha que Platz acabou negando a tortura por medo.

TELMA AUSTIN,
de Florianópolis



Uma CPI anti-espião

Deputados gaúchos vão apurar a espionagem que sobrevive, e seus tentáculos no Cone Sul.

Por iniciativa das bancadas do PT, PSB e PCdoB, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul vai ser a primeira a investigar o aparelho repressivo ainda quase intacto depois do fim da ditadura militar. A aprovação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, depois de muita negociação para finalmente conseguir apoio da bancada do PDT, se deu no dia 19 de maio. Desde setembro de 1991, vinha-se tentando aprovar a CPI, depois de comprovada a existência, ainda, de polícia política em atividade (a PM-2, o serviço secreto da PM, e a Supervisão Central de Informações - SCI - da Secretaria de Segurança).

A CPI quase chegou a ser aprovada no final do ano passado, mas sete dos 14 deputados que haviam assinado o requerimento voltaram atrás, depois que o governador Alceu Collares (PDT) cedeu a pressões do comandante-geral da Brigada Militar, para rever sua disposição de abrir os arquivos da espionagem política à comunidade. A aprovação da CPI ocorreu justamente no dia em que os jornais gaúchos divulgaram a descoberta da escuta eletrônica nos telefones do Palácio Piratini, sede do governo do estado.

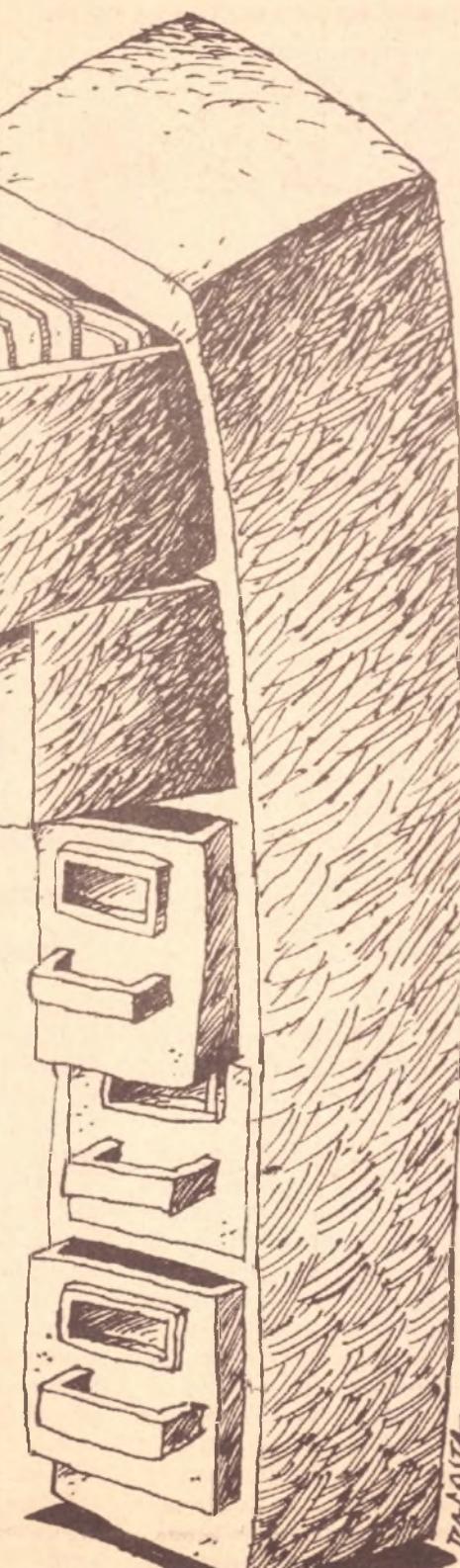
Num relatório da Comissão da Cidadania de Direitos Humanos (CCDH), com base em 415 documentos da PM-2 e 1.650 da SCI, constata-se que os alvos prioritários desses órgãos são os movimentos sociais e partidos políticos, ficando em segundo plano os crimes e corrupção na polícia.

MERCOSUL DA ESPIONAGEM. Durante esse processo, o chefe da Polícia do esta-

do, delegado Newton Müller, pediu às Delegacias Regionais os arquivos do extinto Serviço de Ordem Política e Social - o DOPS gaúcho -, guardados há décadas (há documentos até de 1930). Nesta leva ficou claramente provada a articulação do Cone Sul no que diz respeito à espionagem. Entre eles, pode-se encontrar por exemplo um pedido de busca para a "localização de elementos subversivos uruguaios", onde constam 25 nomes de cidadãos uruguaios. Há inúmeros documentos semelhantes, citando argentinos, peruanos, chilenos e paraguaios, além de outros estrangeiros. Durante a cobertura dos fatos, a imprensa gaúcha restringiu-se à publicação de casos pitorescos que constavam nos arquivos, deixando em segundo plano a posição dos deputados gaúchos que não quiseram assinar a CPI.

PODER PARALELO. "Os cidadãos gaúchos estão sendo espionados e classificados de terroristas pelos órgãos de segurança do estado, que continuam em pleno funcionamento. A organização para a conquista de melhores salários e condições de trabalho, a militância partidária e a própria vida particular dos trabalhadores é devassada, classificada e documentada como nos tempos mais duros da ditadura", denuncia Antônio Marangon (PT) que agora, juntamente com o líder da bancada petista, Flávio Koutzii, está articulando novamente com os demais partidos a assinatura do requerimento desta CPI, que será a primeira na história do país criada para investigar a espionagem política.

Os cidadãos gaúchos hoje estão diante de fatos que comprovam o que há muito



a esquerda vem denunciando. Ou seja, a existência de um poder paralelo, maior que o estado. Já no ano passado, o próprio governador Alceu Collares, ao ter constatado a persistência dos serviços secretos de espionagem da SCI e da PM-2, declarou à imprensa que "não entendia como este instrumento invisível e classista de investigação policial vem fazendo essas escutas clandestinas à sombra do poder, em prejuízo da democracia."

MARIA LUIZA SOARES,
de Porto Alegre

PIMENTA SEM REFRESCO

ISRAEL. Uma nova pesquisa indica que, caso as eleições israelenses ocorressem agora, a oposição trabalhista conquistaria 46 cadeiras no Parlamento, contra 31 dos ultraconservadores do Likud. Em aliança com o bloco de centro-esquerda Meretz e contando com o apoio dos partidos de esquerda, não-sionistas, os trabalhistas conseguiram formar um novo governo. Em tempo: a pesquisa foi realizada por uma professora a soldo do Likud, o que deixou os ultraconservadores furibundos.

PERSPECTIVAS. A novidade é que, se as eleições de 23 de junho confirmarem a pesquisa, surgirá o primeiro gabinete sem partidos religiosos desde a fundação do estado de Israel (1948). E o líder trabalhista Itzhak Rabin já acenou com a possibilidade de, uma vez eleito, chegar a um compromisso para a devolução, pelo menos parcial, das montanhas do Golã, ocupadas aos sírios desde 1967. O líder sírio Hafez Assad coloca a devolução do Golã como condição básica para um acordo duradouro de paz. Dessa forma, do resultado das eleições israelenses pode depender o futuro da Conferência de Paz para o Oriente Médio, que se arrasta desde outubro. A dúvida é se o namoro Israel/Síria levará em conta as reivindicações dos palestinos...

DOIS PESOS. Mudando de assunto, vamos falar de ditaduras. Enquanto o governo norte-americano vocifera e age contra o "tirano" Muamar Gaddafi, da Líbia (como já o fez contra o "ditador" iraquiano Saddam Hussein), os generais golpistas da Argélia continuam governando sem problemas. George Bush também não levanta um dedo contra os militares tailandeses, que estão lançando suas tropas contra protestos populares. Explica-se: os golpistas argelinos impediram a vitória eleitoral do "grande satã" islâmico. E os generais da Tailândia são fiéis ao ultraliberismo econômico. Isto é, são mocinhos, de acordo com o raciocínio de cowboy da Casa Branca. Ah, bom!

JAYME BRENER

FILIPINAS

Sepultando o fantasma de Marcos

Apesar das fraudes e mortes, as eleições podem significar uma nova fase para o país.

As eleições gerais nas Filipinas, realizadas no dia 13 de maio, fortaleceram a frágil democracia comandada nos últimos seis anos pela presidente Corazón Aquino. Com um terço dos votos contados, o ex-ministro da Defesa, Fidel Ramos, estava ganhando, segundo as pesquisas e projeções, era o virtual sucessor de Aquino. Apesar das ameaças de golpe, dos 60 mortos e das acusações de fraudes, o resultado deve ser respeitado.

Ramos já chegou até a convencer sua adversária, a juíza Miriam Santiago, para participar de seu governo, se realmente ele vencer as eleições. Miriam Santiago não parece, porém, disposta a assumir a derrota. A juíza já prometeu uma cruzada contra o voto fraudado e acusa Ramos de estar conduzindo uma campanha para roubar a vitó-

ria. Santiago espera comprometer quem sabe até invalidar a eleição, apostando em seu discurso anti-corrupção.

SEM SAUDADE. O argumento de Santiago é bastante forte, se pensarmos que o governo de Aquino foi acusado de corrupção, mas certamente os parâmetros de fraude em relação às enfrentadas durante a era Marcos são incomparáveis. Os filipinos aguentaram Ferdinand Marcos no poder, o empobrecimento da população e consequente enriquecimento do clã Mar-

cos por mais de vinte anos. Neste momento, a população espera superar de uma vez por todas a ditadura Marcos.

Ainda se fala em transpor a era Marcos, mesmo depois dos seis anos de governo de Aquino, já que a viúva do ditador, Imelda Marcos, candidatou-se à presidência. Somente os resultados das eleições, com Marcos quase como lanterinha dos sete candidatos, deixam claro que não há retorno possível. Para acabar de uma vez com o fantasma, resta persistir no processo contra Imelda, para ela

devolver os bens do Estado. Esta batalha sim, promete ser mais dura, já que a viúva Marcos promete boicotar as decisões judiciais como forma de protesto contra a fraude eleitoral.

Esta nova fase na política interna no país coincide com mudanças nas relações entre as Filipinas e os EUA, que mantêm bases na ilha. No final do ano passado um plebiscito determinou que os EUA saíssem das Filipinas, o que agravar a crise econômica.

Resta saber se o futuro presidente conseguirá resultados práticos para esta crise econômica, através do programa liberal de recuperação a que se propõe, baseado nos investimentos internacionais.

FLÁVIA SAMPAIO LEITE



Fidel Ramos



Miriam Santiago

TAILÂNDIA. No momento do fechamento desta edição prosseguem os violentos choques entre militares e os manifestantes, que exigem a renúncia do primeiro-ministro (e general) Suchinda Krapayoon. Fonte oficial fala em 40 mortos e 600 feridos, após 4 dias de manifestação, mas os números devem ser bem maiores.

O general Krapayoon não poderia legalmente ser primeiro-ministro, já que não concorreu nas eleições parlamentares de março de 1991. Mas foi ele quem liderou o golpe militar que, em fevereiro daquele ano, derrubou um governo democraticamente eleito. As agências internacionais comentam a movimentação de tropas militares contrárias a Krapayoon. Fala-se também que as manifestações são instigadas por... "comunistas". São os velhos tempos de volta.

ALEMANHA

A GREVE NÃO ACABOU

O acordo salarial que pôe fim à greve de 11 dias dos funcionários dos serviços públicos foi recusado pela maioria dos membros (56% dos votos contra) do ÖTV, o maior sindicato do setor. Entretanto, nos plebiscitos realizados pelos sindicatos dos correios, dos policiais e dos ferroviários, o acordo foi aprovado.

Monika Wulf-Mathias, presidente do ÖTV e a líder da greve, reconheceu que "o sindicato precisa fazer uma autocrítica pois não contava com este resultado, principalmente a grande recusa ao acordo nos setores de transporte e coleta de lixo".

Já o presidente da central sindical DGB, Heinz-Werner Meyer, acredita que este resultado não foi um voto contra a direção sindical e sim um protesto contra a política econômica do governo.

A direção do sindicato tem até o dia 25 que decidir se ratifica o acordo, apesar do resultado do plebiscito, ou chama novamente a greve, agora sem os outros sindicatos e com a base dividida. Um resultado surpreendente para uma categoria que ficou 18 anos sem realizar greve.

Além dos 2,5 milhões de empregados dos serviços públicos, estão também em campanha salarial, reivindicando entre 9,5 e 11% de reajuste, os metalúrgicos, os gráficos, os comerciários e a construção civil.

Na última semana mais de um milhão de metalúrgicos já realizaram greves de adver-tência em protesto contra a proposta patronal de 3,3% de reajuste. Uma inflação de 4,5% ao ano e o crescimento da produtividade acima dos salários na década de 80 são as principais justificativas dos sindicatos para suas reivindicações.

Com as greves, os sindicatos dirigidos pela oposição social-democrata demonstram também que os trabalhadores não estão dispostos a "apertar os cintos" para pagar a conta da reunificação, enquanto as empresas obtêm enormes lucros, o que foi duramente criticado pelos sindicatos como uma inadmissível interferência nas negociações e quebra do princípio de autonomia sindical.

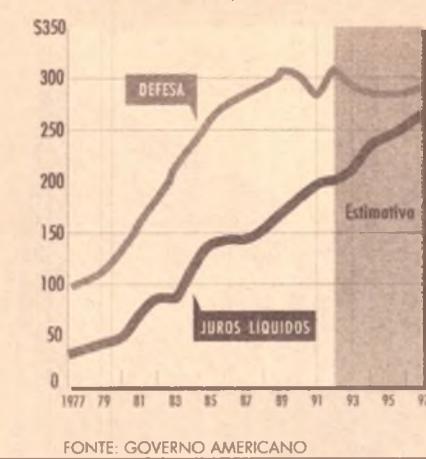
O resultado das campanhas ainda está em aberto, mas já é perceptível que os trabalhadores alemães estão recuperando os espaços políticos que haviam perdido nos últimos anos.

CARLOS SANTOS,
de Berlin



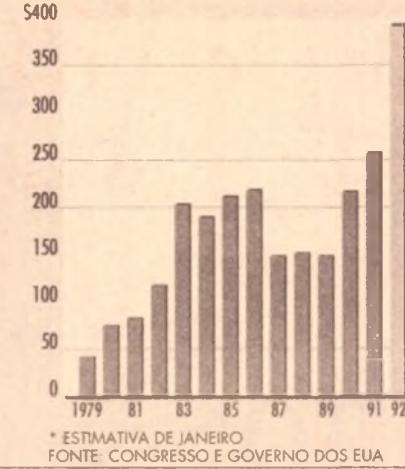
OS JUROS PAGOS PELO ESTADO JÁ SE IGUALAM AOS CUSTOS DA DEFESA

Despesas orçamentárias
Em bilhões de US\$



A DÍVIDA PÚBLICA GALOPA

Déficit federal, por ano fiscal
Em bilhões de US\$



PRODUTO NACIONAL

Em milhões de US\$

ANO	Produção de bens	Serviços financeiros	Finanças Bens
50	153	32	21%
60	250	73	29%
70	441	146	33%
80	1145	401	35%
87	1661	775	47%

ESTADOS UNIDOS

O rei está nu

Gendarme do mundo, líder do Ocidente, campeão da iniciativa privada e do neo liberalismo, os EUA vão mal.

Depois dos conflitos de Los Angeles, 58 mortos, 4.000 feridos, 12.000 presos, 1 bilhão de dólares de prejuízos materiais - os americanos estão à procura de culpados. Que políticas públicas permitiram acumular as tensões sociais afinal reveladas pela brutal explosão?

Os republicanos culpam os democratas. Foram os gastos irresponsáveis e inúteis dos governos de Lyndon Johnson e Jimmy Carter que incharam a máquina e destruíram a capacidade de iniciativa dos dependentes da assistência social.

Os democratas culpam os republicanos. Foram os cortes nos impostos das empresas e dos ricos e as reduções nos orçamentos da assistência social nos oito anos de Reagan que cavaram os abismos que hoje separam especialmente os negros pobres e os brancos ricos das áreas urbanas americanas.

O debate já tinha sido aceito pela campanha presidencial. Bill Clinton, o governador de Arkansas que é candidato à presidência pelos democratas, tornou uma constante de seus discursos a informação, elaborada a partir dos censos americanos, de que, nos últimos doze anos, a elite dos 1% mais ricos abocanhou 60% de toda a renda produzida no país. Por sua vez, os republicanos passaram a divulgar os resultados de inúmeros projetos sociais-democratas, onde foram gastos milhões de dólares inutilmente.

NEM UM, NEM OUTRO. É certo que a renda americana se concentrou enormemente nos

últimos anos. Um estudo oficial recente mostrou que o 1% dos lares mais ricos, menos de 1 milhão de famílias americanas, aumentou em cinco pontos percentuais sua participação no total da riqueza privada do país (abocanharam 31,3% do total em 1983 e passaram para 36,2% em 1989). Dessa forma, o conjunto de patrimônio dessa elite se elevou para 6,14 trilhões de dólares - bem mais que a riqueza total de 90% das famílias situadas na parte mais baixa da pirâmide social, cujo patrimônio fica em torno de 5 trilhões. Nos últimos dias, um refinamento do mesmo estudo, feito por pesquisadores do Imposto de Renda e do Banco Central americano, mostrou que a concentração é ainda maior; separando a elite da elite - dividindo o 1% numa parte de cima e uma de baixo - Arthur Kennickel e Louise Woodburn mostraram que, a rigor, quem cresceu mesmo foi o pessoal do pedaço de cima, que tinha 24,1% da riqueza total do país em 1983 e passou para 29,1% em 1989.

O problema, porém, é que isso não basta para provar que os democratas estão certos e que a continuidade das políticas de Kennedy, Johnson e Carter teria deixado os EUA em situação muito diferente da atual. Republicanos como Robert Bartley - editor do *Wall Street Journal* e que acaba de publicar *The Seven Fat Years* (Os sete anos gordos) - dizem que foi a "reaganomics", a política econômica de Reagan, que permitiu aos EUA elevar o produto nacional em um terço e criar 18

milhões de novos empregos entre 1983 e 1990.

Bartley tem razão nesse ponto. E poderia dizer mais duas coisas: 1) a economia americana vinha crescendo a ritmo cada vez mais lento década a década, após a explosão de crescimento dos anos 50, do pós-guerra; e nos anos 80, embora a média de crescimento não tenha se elevado em relação aos anos 70, a tendência de queda se atenuou; 2) a concentração de renda parece ser um pré-requisito para a aceleração do desenvolvimento capitalista (os brasileiros, que viram sua economia crescer enormemente nos anos de "milagre econômico", de extraordinária concentração de renda, sabem disso por experiência).

À ESQUERDA. Uma explicação que busca as raízes da crise americana em terreno bem mais fundo que o das querelas entre os dois grandes partidos do país vem da esquerda que, curiosamente para os tempos atuais, tem vida ativa e até influência localizada (em certas universidades, por exemplo) no país.

Para essa corrente de interpretação, o Estado americano sofreu uma mudança qualitativa entre meados dos anos 70, já em pleno governo Carter, e os primeiros anos da década de 80. Basicamente, o governo criou as condições para o desenvolvimento - e, em seguida, tornou-se o grande banqueiro - de um extraordinário sistema financeiro ancorado na dívida pública estatal; e essa dívida se tornou a muleta para amparar

os monopólios capitalistas nesses anos de crescimento econômico cada vez mais lento.

A demonstração da tese é mais demorada e pode ser encontrada em artigos como os do conhecido marxista americano Paul Sweezy, editor da antiga e ativa *Monthly Review*. Ou de Arthur MacEwan, professor de economia na Universidade de Massachussets.

Alguns dos argumentos para os quais eles chamam atenção, no entanto, podem ser compreendidos de imediato e parecem muito sólidos. Um deles: o Estado, que reduziu suas atividades sociais, elevou enormemente as suas despesas financeiras - pagas, basicamente, aos monopólios que aplicam em papéis do Tesouro americano (veja na tabela). Outro: para poder tirar proveito tanto das novas condições legais para a circulação dos capitais, como para receber essa espécie de subsídios disfarçados que são os juros pagos pelo Estado e desviados dos gastos sociais, elevou-se brutalmente o peso do setor financeiro da economia.

São argumentos oportunos. Para o Brasil, especialmente, que parece ser um caso particularmente aberrante desse mal que assola o "capitalismo moderno": crescimento cada vez mais lento, dívida pública cada vez mais absurda e sistema financeiro cada vez mais sofisticado e veloz.

E voraz. De uma voracidade mansa, aparentemente inofensiva: especializada em mamá nas tetas do Estado.

RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA

O PT SABE GOVERNAR?

Santos: mil dias de governo popular, de David Capistrano Filho, é uma análise política dos principais momentos vividos pelo governo de Telma de Souza, desde a vitória nas eleições de 1988.

Em algum lugar do passado, de Celso Marcondes, relata e problematiza os 26 meses em que a administração municipal de Campinas carregou a marca do PT.

Estratégia: uma saída para a crise, uma co-edição com o Instituto Cajamar reúne um conjunto de ensaios sobre a estratégia da esquerda para os anos 90.

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155



SCRITTA
Editora
Rua Dona Germaine Borchard, 286
05002 São Paulo SP

Um novo paradigma

A crise do pensamento moderno promove a redescoberta das grandes tradições espirituais

Euma ironia que as auto-proclamadas vanguardas sejam muitas vezes as últimas a saber das coisas. Foi preciso que o Muro de Berlim desabasse sobre as cabeças de certos pensadores de "vanguarda" para que eles acordassem de seu sonho triunfalista e, dignando-se a olhar o mundo à sua volta, se dessem conta da crise teórica e prática do marxismo. Outros, então, nem despertaram. Como Minas, eles estão onde sempre estiveram - e fazem do imobilismo mental sua bandeira. A crise, porém, não vem de hoje. Nem se circunscreve aos modelos marxistas. Na verdade, o que vivemos - não só no Leste Europeu, mas em todo canto - é a exaustão de um paradigma. A visão de mundo que alimentou a revolução industrial e estruturou a partir dela toda uma civilização mostra sinais inequívocos de esgotamento.

Se pretendemos encontrar os pais fundadores desse paradigma, devemos recuar muito além de Marx. Pelo menos até o século XVII, quando o inglês Isaac Newton, sintetizando os principais conhecimentos científicos da época, estruturou a física clássica. Esta iria se tornar não apenas o modelo de todas as ciências como também a base da visão mecanicista do mundo. Newton afirmou que, se enxergara longe, foi por ter subido nos ombros de gigantes. Referia-se ao astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630), ao físico italiano Galileu Galilei (1564-1642) e ao filósofo francês René Descartes (1596-1650).

DIVISOR DE ÁGUAS. Kepler é um capítulo à parte. O escritor Arthur Koestler viu nele o "divisor de águas" entre o Renascimento, impregnado de magia, e a fria racionalidade da Era Moderna. Sua obra é uma mistura exuberante de teologia e matemática, hermetismo e física, astrologia e astronomia, especulações místicas e rigorosa observação científica.

Galileu distinguiu o que denominou "qualidades primárias da natureza" (número, forma, posição e movimento) das "qualidades secundárias" (cores, cheiros, gostos). Estas

últimas - ele acreditava - existiriam apenas na consciência do observador, não fazendo parte daquilo que a realidade tem de mais essencial. Não seria exagero ver nessa dicotomia o ato fundador do paradigma moderno. Nas palavras do psiquiatra R. D. Laing, ela foi "o mais profundo corrompimento da concepção grega da natureza como *physis*, que é algo vivo, sempre em transformação e não divorciado de nós".

RELÓGIO SUÍÇO. Descartes levou o reducionismo desnaturalizado de Galileu às últimas consequências - ao ponto de considerar os animais e o próprio corpo humano como máquinas. Para ele, a mente (*res cogitans*) e a matéria (*res extensa*) eram duas realidades completamente separadas. Daí a crença de que o mundo material podia ser descrito de maneira totalmente objetiva, ficando a subjetividade do observador fora da descrição. O ultraracionalista filósofo francês acreditava na existência da alma. Mas, ao contrário do que concebem os grandes místicos, a tímida alma cartesiana não impregna o mundo com seu mistério. O mundo funciona por si só, com a previsível e tediosa regularidade de um velho relógio suíço. Enquanto que a alma leva uma existência apartada, habitando a glândula pineal, minúscula estrutura localizada na base do cérebro. Para os sucessores materialistas de Descartes foi fácil "esquecer" esse "pequeno detalhe" e imaginar um mundo totalmente desalmado.

O dualismo, o rigoroso determinismo, a visão mecânica do universo de Descartes transformaram-se no "Credo" do pensamento moderno. Com bases neles Newton construiu sua física. Duzentos anos depois, no final do século XIX, essa ciência, copiada por todas as outras, apresentava-se como



um edifício quase acabado. Na jactanciosa imaginação dos cientistas, os últimos segredos da natureza estavam prestes a ser desvendados. Industrialização e desenvolvimento tecnológico acelerados pareciam de fato impor a racionalidade humana ao mundo natural. Conforme o historiador marxista Eric Hobsbawm, a idéia de progresso era, então, irresistível. O próprio Marx, aliás, não resistiu ao seu enganoso fascínio. Mas, como disse Hegel, "tudo o que existe traz no nascimento o germe de seu perecer". Bastaram três décadas para que o imponente prédio desabasse como um castelo de cartas. Num tempo de incertezas, que teve sua expressão maior na Primeira Guerra Mundial, a teoria da relatividade e a teoria quântica derrubaram todos os conceitos básicos da física newtoniana: a noção de espaço e tempo absolutos; a distinção entre matéria e energia; a excludência entre o ser e o não-ser; o determinismo; o ideal de uma descrição objetiva dos fenômenos, sem inclusão do observador.

PRIMEIROS PASSOS. Quase setenta anos depois, vivemos ainda o impacto desse formidável desabamento. Os cientistas tiveram que se despir de sua presunçosa auto-suficiência e fazer um aprendizado da hu-

mildade. Comentando essa mudança de mentalidade, escreveu o químico russo Ilya Prigogine (prêmio Nobel de 1977): "Por um lado, nossa ciência já não nos leva a compreender a natureza em termos de submissão. Por outro, assistimos a uma tomada de consciência dos perigos ecológicos que ameaçam o planeta e da nossa responsabilidade, quer em relação à natureza, quer em relação às outras civilizações. Atualmente, comprehende-se melhor que a ciência está dando os primeiros passos".

A revolução da física do século XX ecoou, nas demais ciências e na própria filosofia, como a libertação de uma opressiva camisa-de-força. Ela foi, porém, apenas a expressão precoce de um movimento maior e subterrâneo - da consciência rumo à superação do paradigma moderno. Não é por acaso que participamos hoje da "redescoberta" das grandes tradições espirituais. É como se, nos momentos de mudança radical de paradigmas, devéssemos sempre beber nas fontes perenes da sabedoria.

No Renascimento, o fim do monopólio da filosofia aristotélica abriu caminho para a releitura de Platão e dos neoplatônicos, dos pitagóricos e da tradição hermética, gerando o clima de efervescência intelectual que produziu gigantes do porte de um Nicolau de Cusa, de um Giordano Bruno, de um Paracelso ou de um Kepler. Também agora o declínio do paradigma mecanicista trouxe para o território da ciência e da filosofia um extraordinário e estimulante arejamento dos espíritos. Compreendemos, como afirmou o filósofo da ciência Paulo Feyerabend, que qualquer idéia, embora aparentemente antiga e absurda, é capaz de aperfeiçoar o nosso conhecimento.

JOSÉ TADEU ARANTES

OUVIDOR GERAL

EM DEFESA DA INICIATIVA PRIVADA. A catástrofe anunciada por José Aurélio de Camargo, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino (particulares) do Estado de São Paulo, concitando as escolas sob sua asa a não a matricular de alunos aidéticos, continuou provocando marolas pela imprensa. A imagem da empresa educacional privada saiu inapelavelmente arranhada do episódio, pois só se podem imaginar duas razões para essa posição: despreparo ou lucro, ou ambas. Nos dois casos, a empresa escolar privada fica na sinuca. Se não se preparou, não merece estar no ramo; se o problema é lucro, também não. Entre as repercussões, duas são muito curiosas: uma, a do ministro Goldemberg, da Educação, ao descartar punição para escolas que recusem aidéticos, apesar de anunciar portaria do governo garantindo a matrícula: "Punição colide com educação". Esperamos que o ministro lembre disto ao discutir suspensão de pagamento a professores grevistas, por exemplo. Outra, a do empresário Antonio Ermírio de Moraes, anunciando a disposição de criar escola para aidéticos no interior do estado, o que seria contrário a qualquer princípio pedagógico, para todas as partes. Seria para salvar a face da iniciativa privada?

ENTREGA OU NÃO ENTREGA? A CIA norte-americana diz que vai passar aos Arquivos Nacionais um dossier sobre Lee Harvey Oswald (acusado de matar o presidente Kennedy em 1963 e logo em seguida assassinado) suprimindo "o menor número de páginas possível". Afinal, entrega ou não entrega o ouro? E se não entrega é para preservar quem, o quê, e por quê?

O PEIXE MORRE PELA BOCA. O presidente Bush precisa de uma retumbante "conquista democrática" no Caribe para reforçar sua campanha eleitoral. Afinal, a guerra contra Saddam Hussein não rendeu o prestígio esperado: o ditador lá continua. O processo contra Noriega, o ex-presidente do Panamá, também não rendeu o esperado, pois a imagem da CIA e mesmo a imagem dos Estados Unidos saiu arranhada, com uma invasão muito custosa em vidas humanas para prender o presidente de um país vizinho. Cuba está na mira, e a imprensa anuncia que a Rússia de Yeltsin está à beira de ceder às pressões norte-americanas para não comprar mais açúcar da ilha, em troca da possibilidade de compra de produtos agrícolas. Enquanto isso, Fujimori vai bem obrigado, e no Haiti...

FLÁVIO AGUIAR

O SOCIALISMO JÁ ERA?

Durante 86 dias, entre junho e setembro de 1990, Wladimir Pomar percorreu um trajeto que vai da Alemanha reunificada à Albânia — passando pela Polônia, Checo e Eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia e URSS.

Rasgando a cortina discute a experiência do socialismo construído nos países do Leste Europeu, numa tentativa de compreender as razões de seu fracasso.

A miragem do mercado é uma análise do processo de reintrodução do capitalismo naqueles países, suas contradições, seus limites e seus mitos.



Rasgando a cortina e A miragem do mercado fazem parte de uma trilogia. O terceiro volume — A ilusão dos inocentes — será dedicado a discutir as perspectivas futuras da luta pelo socialismo

SCRITTA
Editora Cultural
Rua Dona Gennina Burchard, 286
05002 São Paulo SP

À VENDA NAS LIVRARIAS E DIRETÓRIOS DO PT ★ OU DIRETAMENTE NA EDITORA: TELEFONE (011) 262-1155

NO BRASIL NOVO, JA' TEMOS ATÉ GOVERNADOR NO ARQUIVO MORTO!



CONGRESSO DA UNE

O 42º Congresso Anual da União Nacional de Estudantes (UNE) se reúne, de 28 a 31 de maio, no ginásio de esportes Caio Martins, em Niterói, estado do Rio de Janeiro. Esperam-se 2 mil delegados de todo o país, mais 2 mil observadores. Isto indica uma pequena redução na participação, pois em 1991 o Congresso teve 2.500 delegados. O Congresso tem sempre como principal ponto de pauta a escolha da nova diretoria da entidade, cujo mandato é de um ano.

Além do Congresso, cujos delegados são eleitos na base numa proporcionalidade de um para cada 600 estudantes, e mais um delegado para frações de 400, a UNE conta hoje com mais duas instâncias deliberativas nacionais: o Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB), que reúne representantes de Centros Acadêmicos e Diretórios Acadêmicos, e o Conselho Nacional de Entidades Gerais, que, além dos CAs e DAs, reúne também representantes das Uniões Estaduais de Estudantes (UEEs) e dos Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs).

Como em muitas outras entidades semelhantes, neste Congresso a pauta será em boa parte ocupada por discussões em torno da organização da entidade e de sua democracia interna. Há uma proposta de se ampliar o Conselho Nacional de Entidades Gerais, admitindo-se aí a representação das "Executivas de Curso", que nem sempre coincidem com as direções de CAs e DAs.

Outra proposta que vai à discussão é a de que a partir de 1993 a eleição da Diretoria da UNE seja direta. A Diretoria conta hoje com 35 cargos. A proposta prevê também que uma Executiva Nacional seja eleita pelo voto em todo país, enquanto que os diretores regionais seriam eleitos pelo voto em cada região. Na UNE os grupos e tendências se identificam fortemente tanto por suas propostas quanto por sua camiseta partidária: petistas, peemedebistas, PCs do B ou não do B, MR-8, PSDB, PSB, PDT compõem o leque de desavenças e de alianças.

Entre os problemas educacionais que serão debatidos no Congresso, está a preocupação com as emendas ("emendão") do governo para o setor, entre elas a que prevê o estabelecimento de um orçamento global para as universidades federais mediante avaliação e classificação - o que se vê, na verdade, como uma tentativa de institucionalizar um maior descompromisso do governo em relação a recursos e de aproximar o ensino superior da captação de verbas junto à iniciativa privada. Em relação ao ensino superior privado, as preocupações apontam para um controle sobre as mensalidades, a manutenção de crédito educativo para os que já têm a sua progressiva substituição por investimentos no ensino público, que permitam a absorção dos beneficiados - atualmente cerca de 80 mil.

FLÁVIO AGUIAR

LIVROS

A safra da queda

Autores refletem sobre o fim dos regimes do Leste: o socialismo morre com eles?

Notícias não cessam de chegar do Leste Europeu e das vastas regiões que, até recentemente, formavam a União Soviética. Da queda do Muro de Berlim ao golpe contra Gorbatchov em agosto passado, acontecimentos surpreendentes se desencadearam numa velocidade tal, que presentificou a História (por definição, uma ciência que estuda o passado). Ruíram as experiências europeias com o "socialismo real". Quais as dimensões precisas desta sequência de eventos e suas consequências para o futuro da humanidade e do socialismo?

É o que se propõe responder Wladimir Pomar em *Rasgando a Cortina* e *A Miragem do Mercado*, seus dois primeiros volumes de uma trilogia sobre a crise do socialismo. É também, em certa medida, a proposta de Jacob Gorender, em *Perestroika: origens, projetos e impasses*; de Jayme Brener, em *Leste Europeu, a revolução democrática*; e de Timothy Garton Ash, em *Nós, O Povo*, quatro dos livros existentes no mercado editorial brasileiro sobre a incógnita que a realidade agora nos propõe. Pomar, num texto explicitamente militante, tem na resposta seu principal objetivo. Brener, Ash e mesmo Gorender, cujos trabalhos visam mais à documentação panorâmica dos acontecimentos, têm como objetivo principal explicar por que aconteceram, embora as duas metas se interpenetrem, como não poderia deixar de ser.

OS FATOS QUE SERÃO. No sentido da documentação, particularmente dos fatos relativos aos países do Leste Europeu, exceituada a ex-União Soviética, Ash e Brener conseguem aliar com maestria as funções de repórter e historiador. Os acontecimentos são muitos e selecioná-los, para dar início à análise, já não é tarefa das mais fáceis. Trata-se de escolher, sem o distanciamento científico facultado pela passagem do tempo, os fatos que serão história. Separá-los daqueles cuja memória se revelará menos importante para compreender a época em que vivemos.

Analisa-los é ainda mais complexo, uma vez que o processo dos acontecimentos não se interrompeu e, principalmente, os dois autores estão longe da perspectiva direitista que antevê no fim destas experiências socialistas o fim do próprio socialismo e até o fim da história. Trata-se de uma análise, tanto em Brener como em Ash, que efetivamente explica o ocorrido, sem concessões ideológicas. Assim, os dois trilham a derrocada dos sistemas



Pasmem: eles querem voltar

burocráticos e autoritários, encontrando no burocratismo e autoritarismo os elementos do fim dos regimes há algumas décadas falidos e sustentados até um período mais recente pelo Exército Vermelho.

O QG DA COISA. Vai neste sentido também a análise de Gorender que, entretanto, aborda exatamente o quartel-general deste exército, acompanhando a evolução dos fatos na União Soviética, de sua fundação à política desenvolvida pelo então secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbatchov. Da revolução de 1917 às décadas de 20 e 30 - em busca das origens do autoritarismo stalinista - e à abertura krusheviana, o autor compõe o painel crítico da ascensão e queda do "socialismo real" naquela federação de repúblicas.

O que claramente sobressai no trabalho de Gorender, como aliás em seu primoroso *Combate nas Trevas*, é a capacidade de um distanciamento científico, sem a perda da paixão revolucionária. Se não existe a neutralidade científica, por outro lado não há como negar que - e na União Soviética isso aconteceu à exaustão - é fácil ceder à ideologia e que também no pensamento socialista freqüentemente a verão prevaleceu sobre o fato. Gorender consegue um equilíbrio raro.

Paradoxalmente, é nessa abordagem didática (o livro é editado principalmente para um público de 2º grau) que se pode

apontar uma falha: ao limitar-se à exposição/interpretação dos acontecimentos, o autor não se aprofundou nas evidentes conclusões teóricas que sua análise implica e, portanto, deixa apenas esboçada uma resposta à questão do fim do socialismo. É um "defeito" pequeno pelo caráter que a obra tem. Além disso, Gorender está se dedicando atualmente a um trabalho de mais fôlego sobre o tema.

ACABOU OU NÃO? Wladimir Pomar, no segundo volume da trilogia, é dos quatro quem mais sensivelmente avança na busca de uma resposta para a questão: "o socialismo acabou"? Antes de mais nada, pelo trabalho de limpeza de área que faz, exibindo a fragilidade do triunfalismo com que a mídia capitalista aborda os acontecimentos. Tudo o que

aconteceu na Europa de 1989 para cá pode significar muita coisa, mas não faz do capitalismo a solução definitiva para os inúmeros males da humanidade. Não se completaram cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial e neonazismos começam a arrebanhar simpatizantes entre a classe média, o proletariado, o subproletariado e o lumpenato de países da Europa e nos Estados Unidos. Ainda é comum a prática de torturas nas prisões brasileiras e é de se supor que as vítimas do cólera não possam estar satisfeitas com a política de saúde do liberal-catastrofismo assentado no Palácio do Planalto.

Comparar, entretanto, os horrores do capitalismo com os destas experiências socialistas, como o faz Pomar na introdução do seu primeiro livro, não parece adequado. Para as vítimas, não importa se o carasco ostenta a suástica ou a foice e o martelo. E uma comparação do tipo aparenta reiterar a maquiavélica justificativa dos meios pelos fins. Não residem neste erro elementos essenciais do própriostalinismo? A questão é complexa, mas apesar do espaço restrito não pode deixar de ser levantada.

De qualquer modo, a defesa do socialismo hoje passa necessariamente pela reconsideração da história recente e pelo autoquestionamento constante. Os quatro livros, além de seu inegável valor documental, têm igual importância pelo pioneirismo com que discutem no Brasil os impasses atuais do socialismo.

ANTONIO OLIVIERI

20.000
ASSINATURAS



B R A S I L
ASSINE JÁ
AGORA ASSINE JÁ

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado a EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - Alameda Gleba, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Brasil Fones (011) 220.7198, 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

END. _____

Nº ____ APTO ____

MUNICÍPIO _____

FONE _____ UF ____ CEP ____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 33.000,00
- Assinatura para o exterior US\$ 50,00 (semestral)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 69.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 108.000,00

**Em livro, a vida
de lara lavelberg
renasce em
seu esplendor.**

RODRIGO NANI

Vida rebelde



Chegamos a lugar nenhum mas a luta não foi vã - analisa Geisa. - Mataram a Universidade, lideranças. É preciso haver resistência. Se necessário, retomá-la. Eu faria tudo de novo.

Em agosto caiu Zenaide. Seguim-na sem prender porque ambicionavam ligações maiores.

Cada vez que voltávamos de São Paulo, sentíamos a esquisitice. Raimundo, sem explicar, disse que abandonaria o contato paulistano. Era Anselmo, ignorávamos. Em julho fez a última viagem. A esperá-lo, vimos na tevê: morto em tiroteio. Aquilo de sempre. Perdido o fio, os policiais me prenderam dia 3 de agosto. Nos interrogatórios comprehendi que me seguiam. Lembro de um banco na praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. O cara sentou ao meu lado. E ri! Fez comentários! É um riso tão sem igual, tão sacana, que nunca mais você esquece.

Aluísio Palhano foi morto em seguida. Sobravam Herbert Daniel, Teresa Ângelo que morreu na Argentina, e um companheiro no Chile encarregado de articular a saída de todos - única alternativa, agora consenso. Nada a fazer no país dos torcionários, saqueadores e deputados como o que propunha retirar o "deitado eternamente em berço esplêndido", do Hino Nacional. No seu lugar, algo parecido com "altivo em gesto".

IARA - REPORTAGEM BIOGRÁFICA JUDITH LIEBLICH PATARRA EDITORA ROSA DOS VENTOS 521 PÁGS. CR\$ 57.900,00

A maior dificuldade dos relatos sobre períodos - como os anos 60 do Brasil - é que, necessariamente, se fazem *post-festum*. Quando a história acabou, os olhares já são outros, é muito difícil reconstituir o clima que inspirou os gestos. Principalmente se entre o que se é e o que se foi se antepõe uma derrota, que no caso teve a espessura da prisão, da tortura, do exílio, da morte. A literatura sobre a época fica marcada pelo desenlace do movimento histórico de que faz parte e dos personagens, lugar de onde se olha para trás e que ilumina com suas cores todo o percurso.

Os escritos de protagonistas da época - Gabeira, sobretudo, mas também Sirkis e outros - transmitiram uma visão de quem olhava para trás desde uma concepção crítica já bastante elaborada. Não se pode exigir abso-

lutamente objetividade a esses relatos, mas aqueles, em particular, privilegiaram a imagem dos brancaleões, beirando a ridicularização da generosidade militante de parte significativa de uma geração. Não é a única visão, nem a mais rica.

JUDITH PATARRA. Judith Patarra trabalhou sete anos para tentar reconstruir uma trajetória mais representativa dos anos 60 - a de Lara Lavelberg. A de "uma entre tantas meninas de bairro que na onda dos 60 chega à universidade e adere a organizações que acenam com um mundo justo e humano", como capta muito bem Anna Verônica Mautner na contra capa do livro. "Muitos amores, nenhum livro, nenhum diário, nem árvore nem filho tão desejado", continua ela, até concluir: "A Lara de Judith é a história de uma geração que acreditou".

Nos vazios pesam necessariamente mais quando a prática da luta armada passou a marcar diretamente a militância de Lara, com a passagem à VPR. O acúmulo de fatos e circunstâncias, por mais rigorosos que sejam, dão menos conta do que ia pela cabeça e pelos sonhos dos que protagonizaram aqueles episódios, e o livro perde em calor e vida.

AS MÃOS SELVAGENS. O final acentua ainda mais isso, conforme a própria solidão dos militantes que restavam na luta representava a derrota como uma realidade incontornável. As dramáticas circunstâncias em que Lara escolheu a morte, para não cair - grávida, finalmente, depois de tantas tentativas de ser mãe - nas mãos selvagens dos torturadores, trespelados para conseguir o paradeiro de Lamarca, seu companheiro, encerram prematuramente 27 anos de uma trajetória que certamente contém mais vida, liberdade e rebeldia do que tantos outros relatos sobreviventes, precocemente senis, na sua renúncia aos anos de maior generosidade de uma geração. Lara não protagonizará a minissérie de Gilberto Braga para a Globo, nem o livro de Judith Patarra está entre os escolhidos pela TV para falar dos anos rebeldes. Mas isso já tem que ver com o jardim-botânico - em que desembocaram aquelas mil flores que um dia desabrocharam, e não com a vida e os sonhos de Lara e seus rebeldes companheiros.

Nascida no Ipiranga, bairro de classe média de São Paulo, em 1944, ela teve o privilégio de ter 20 anos na década de 60, mas já havia exercido precocemente suas opções quando se casou aos 15 e viveu a experiência de uma relação frustrada, talvez prefigurando o medo que as mulheres liberadas provocaram posteriormente em tantos homens. Casada e descasada tão cedo, quando aquilo não era usual, Lara se aliou a tudo o que representava algum caminho para a liberdade pessoal e coletiva, num momento em que o assalto ao céu parecia possível. Tudo conduzia a que uma parte serião majoritária, pelo menos significativa da geração se lançasse à luta aberta contra a ditadura militar, quando tantos se calaram, outros se somaram sorrateira ou abertamente a ela e outros não se atreveram a dar o passo que a coragem e a decisão de muitas Laras tornaram marcantes.

SONHAR VALE A PENA. A rua Maria Antônia foi

EMIR SADER

IMPRENSA

UMA FOLHA MAU-CARÁTER

O jornal Folha de S.Paulo publicou no dia 12/5/92 a reportagem sob o título "Acordo de partidos permitiu irregularidade", que tentou colocar sob suspeição a atuação do senador Eduardo Suplicy, autor da denúncia sobre alterações no Orçamento da União após a sua aprovação pelo Congresso. Um fato grave chamou a atenção: o repórter não ouviu o senador sobre os fatos referidos na matéria. A nova "versão" da denúncia de Suplicy, que a Folha quis passar a seus eleitores, ganhou mais destaque no dia seguinte, com a publicação do editorial "Ação entre amigos", onde Suplicy é acusado, sem provas e com base apenas nas informações do repórter, de haver se beneficiado de "procedimentos moralmente reprováveis".

A verdade dos fatos veio à tona no dia 14/5, com a publicação de uma carta assinada por Eduardo Suplicy e pelo líder do PT na Câmara, Eduardo Jorge, no Painel do Leitor no mesmo jornal, acompanhada por um modesto "Erramos", bem pequeninho: ao contrário de notícias publicadas com destaque pelo jornal, o senador Eduardo Suplicy não participou da falcatrua de alteração do orçamento aprovado pelo Congresso, perpetrado por Ricardo Fiúza e seus congêneres. Mas para quem se guia pelas manchetes e não le pés de página, Suplicy, que denunciou a tramóia pode continuar a ser visto como um dos saudados.

O ombudsman da Folha, Mário Vitor, criticou isso em sua coluna de 17 de maio, mas a coluna do ombudsman também é coisa vista por poucos. Aliás, cumprimente-se o dito cujo, por ser esta uma das poucas vezes em que ele cumpriu seu papel de "representante" dos leitores junto ao jornal.

Se alguém acionar a Lei de Imprensa num caso destes, vai com certeza ser acusado pelo jornal de usar um "instrumento da ditadura". Então fica o dito pelo não dito e a Folha pode continuar corrigindo reportagens mal-apuradas com seus "erramos" que não consertam os estragos que fazem.

O que se tem observado quando se tenta solicitar uma correção de informação, é que, se houver uma resposta à altura, com certeza ela será dada.

Mas, quando não há uma saída "por cima", a resposta tem sido uma lacônica e nem sempre sincera frase: "A Folha mantém as suas informações". Só falta um complemento: "ainda que incorretas".

PEDRO LUIS



De 1962 para cá, Ruy Carlos Ostermann assistiu a todas as Copas do Mundo como comentarista de jornal, rádio e televisão. Conciliou esta atividade com a de professor de Filosofia. E foi desta mistura de paixão pela teoria, pelo estudo, pela coletividade (adquirida como jogador de basquete na juventude) que criou um estilo peculiar de crônica esportiva, reconhecido em todo o país. Educador renomado, duas vezes deputado estadual pelo PMDB gaúcho, foi também secretário da Educação no governo Simon. Está lançando um livro, chamado Itinerário da Derrota, que reúne algumas de suas crônicas sobre o futebol brasileiro depois de Pelé. Ali se constata, em viéses diárias, o futebol brasileiro de 20 anos de derrota. Na entrevista a Marco Antonio Schuster e José Lima, ele fala deste tempo e das consequências da cultura nacional em procurar soluções na magia (a volta de Pelé). No futebol e na política.

O futebol brasileiro é ruim?

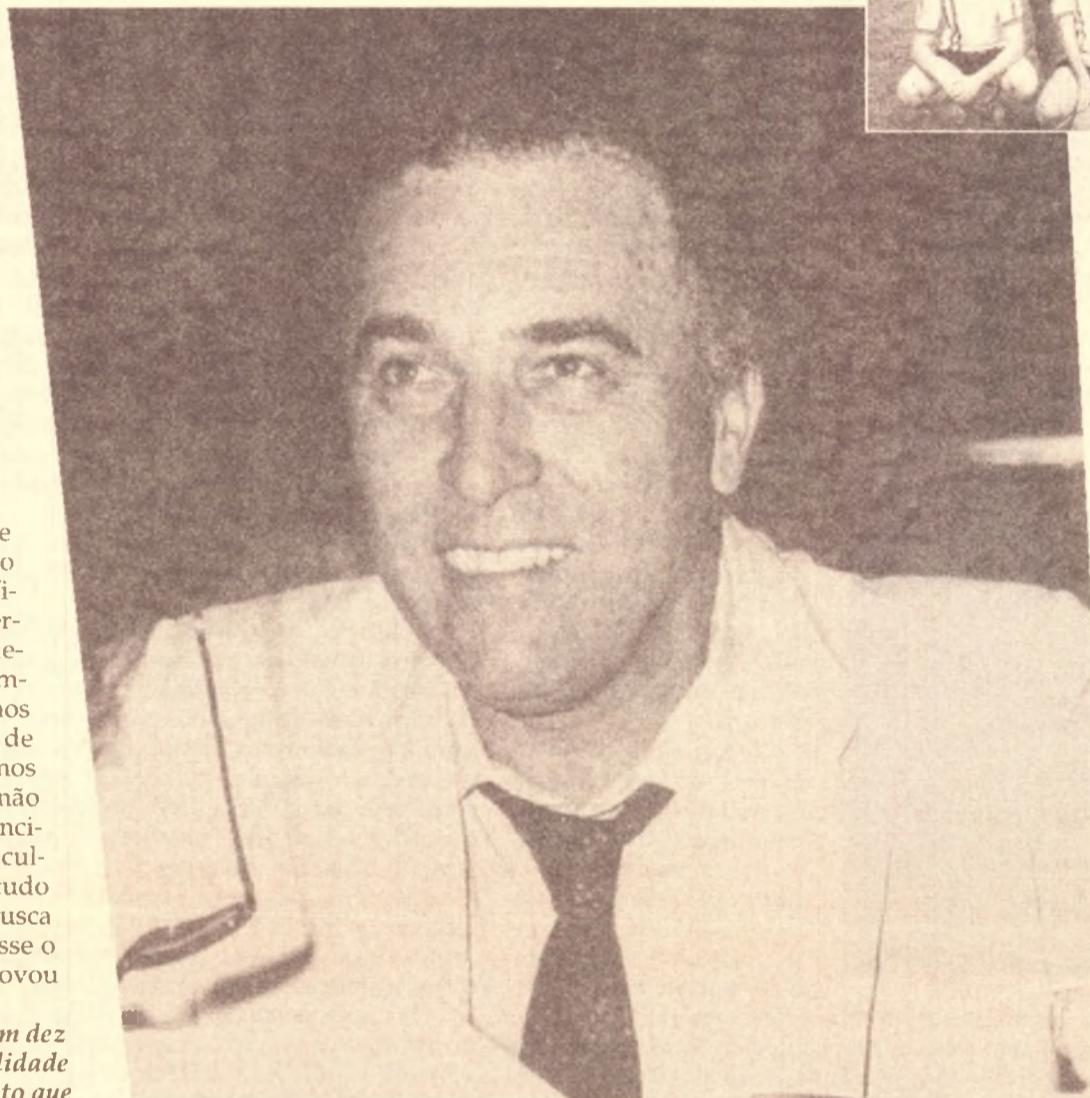
Ele tem em média uma qualidade boa, equiparável à de países que têm no futebol uma expressão cultural significativa, como Alemanha, Itália, Inglaterra. O nosso grande mal é que, com o desaparecimento de Pelé, deixamos de compreender uma coisa simples. Perdemos uma qualidade excepcional de solução de problemas dentro do campo e passávamos a ter uma outra, não tão excepcional. E não nos adaptamos a estas novas circunstâncias. Pelo contrário, por um mal inscrito culturalmente nas arquibancadas e sobretudo nos jornais, rádios e tevés, saímos em busca do substituto de Pelé, alguém que desse o mesmo resultado. Na prática, isto se provou impróprio, indevido e ingênuo.

Mas esta busca não foi superada em dez anos? A seleção de 82 tinha uma qualidade acima da média, uma noção de conjunto que supria a ausência de Pelé.

Não, 82 é uma exceção. Digo que é preciso ter uma certeza: o Brasil só pode perder para o Brasil. Foi assim. Aí, de novo, a síndrome de Pelé. Ele era um gênio que realizava coisas incomuns. Isto determinou que o futebol brasileiro ficasse herdeiro de toda esta qualidade, desta solução mágica. No caso de 82, Telê Santana conseguiu reunir um grupo de jogadores de muito bom nível; Júnior, Falcão, Cerezzo, para citar apenas alguns. É uma média que equivalia à média de qualidade obtida em 70 e 58. Era preciso fazer um arranjo como em 70, como o Zagalo fez. Ele conseguiu armar um time com consistência defensiva, com saída prudente de trás e quase toda voracidade ofensiva. Uma seleção que se harmonizou, que jogava com cinco jogadores com função definida no meio de campo e que chegava ao ataque com sete, oito, nove jogadores. Em 82 se tentou fazer a mesma coisa - com um grave defeito: ninguém quis fazer a função operária do time, como Clodoaldo em 70. Por isso perdemos para a Itália, não contivemos aquela soberba de que éramos todos Pelés. O futebol brasileiro parece que se identifica imensamente com a sociedade brasileira na sua irresponsabilidade diante dos problemas. Sempre procuramos um jeitinho, a tentativa da solução por figura messiânica, por uma saída mágica. De repente, o futebol, por suas razões práticas, está revelando para a sociedade que o messianismo, o populismo e tantas outras formas políticas não resolvem mais os problemas.

Ruy Carlos Ostermann

Desprezando soluções coletivas, o Brasil espera um messias que salve o futebol, outro que salve o país... É o efeito Pelé.



Ostermann, hoje e na época em que no Brasil se jogava futebol.

O que o futebol precisa, então?

Soluções do Primeiro Mundo. A Alemanha, por exemplo. Foi campeã em 54 e sempre está nas finais, só caiu em 62 e 78. E não tinha nenhum Pelé. Nenhum craque, nesse período. Até o conceito de craque deles é diferente, não está ligado à magia. Quem, brasileiro, jogou na Itália? Falcão, Romário, Cerezzo. Jogadores que souberam aliar dedicação, disciplina, a uma qualidade técnica indesmentível. Aqui, continuamos avaliando pela magia de Pelé. Isto nos leva a ver em Neto, por exemplo, uma craqueza que ele não tem. Jogador incompleto, bate na bola como poucos no mundo, mas não é coletivo, não tem sacrifício. Na ausência de craques, ele vira craque. Somos individualistas no futebol e a nossa avaliação é a partir da individualidade. Esquecemos de outra grande questão, que poderia, aí sim, ser o substituto do grande indivíduo. Nós perdemos a idéia de competição. Porque a avaliação está totalmente equivocada, a avaliação de técnicos, público e, sobretudo, dos jornalistas.

Esse equívoco se aguça com a saída dos grandes jogadores para a Europa? E provoca uma ânsia ainda maior por novos craques?

Isso acelera o equívoco. O grande erro de 90 é que resolvemos jogar uma Copa do Mundo como nunca se jogou futebol no Brasil. Os jogadores "europeus" do Brasil disseram: "Temos que jogar com um líbero, dois stoppers, senão vamos ser ralados por essa gente". Assim "evoluiu" o futebol brasi-

LOR GONÇALVES



*Equipe do Colégio Israelita Brasileiro (professores) em 1968, no Veludo Futebol e Regatas. Foto do arquivo de Flávio Aguiar [do Brasil Agora] que também está na foto, à esquerda de Ostermann. Os demais são, de pé, Menna Barreto e Igor Moreira; sentados, Fasolo, Moreno, Zé Onofre e Gilson.

leiro: aplicar uma metodologia de futebol que os europeus usam há 20 ou 30 anos.

Na seleção que treinou em Porto Alegre para a Copa América transpareceu uma tensão muito grande dos jogadores. Essa carga de 20 anos de derrotas não assume peso excessivo?

Eu acho que sim. Nós não aceitamos derrota sob nenhuma hipótese. Uma derrota para a Inglaterra já é motivo para se dizer que a seleção não tem jeito. Uma vitória, que faz bem para a auto-estima, pode gerar equívocos do tipo "somos imbatíveis". O Falcão, por exemplo. Pode-se discutir se ele estava certo, eu acho que estava, pois revelou uma dúzia de jogadores que não teriam aparecido se não houvesse o critério inicial dele. Mas não foi bem sucedido, caiu.

Esta carga sobre os jogadores, a seleção, não se multiplica por fatores sociais, como a frustração da sociedade?

O futebol brasileiro de seleção ficou parecido com o país. É perdedor, tem frustrações, porque não está encontrando soluções macro para o país e não está encontrando soluções específicas para o futebol. Finalmente, houve uma semelhança... não quero estabelecer forçosamente isto: a seleção está mal porque o Brasil está mal. Por coincidência, a seleção está representando o pior. O nosso carnaval está bichado, o futebol tá muito parecido, a sociedade tá virada numa coisa tremenda, difícil, o governo é uma corrupção bárbara, a falta de decisões políticas claras é evidente e tudo se misturou. Então, de fato, ser técnico da seleção brasileira é salvar o país a cada domingo. Isto é difícil.

Fazendo uma analogia com o futebol, que busca a solução mágica, de certa maneira o país também a buscou quando votou para presidente.

Exatamente. As opções que têm sido feitas dentro da sociedade são todas frustrações. Elas se transformam no seu contrário, traem, aprisionam, destroem as pessoas. É o pensamento mágico. Se elegéssemos o Collor, salvariam o país não sei em que direção. O próprio discurso do Collor era messiânico. Outra vez, de certa forma, o efeito Pelé.



BRAZIL AGORA

